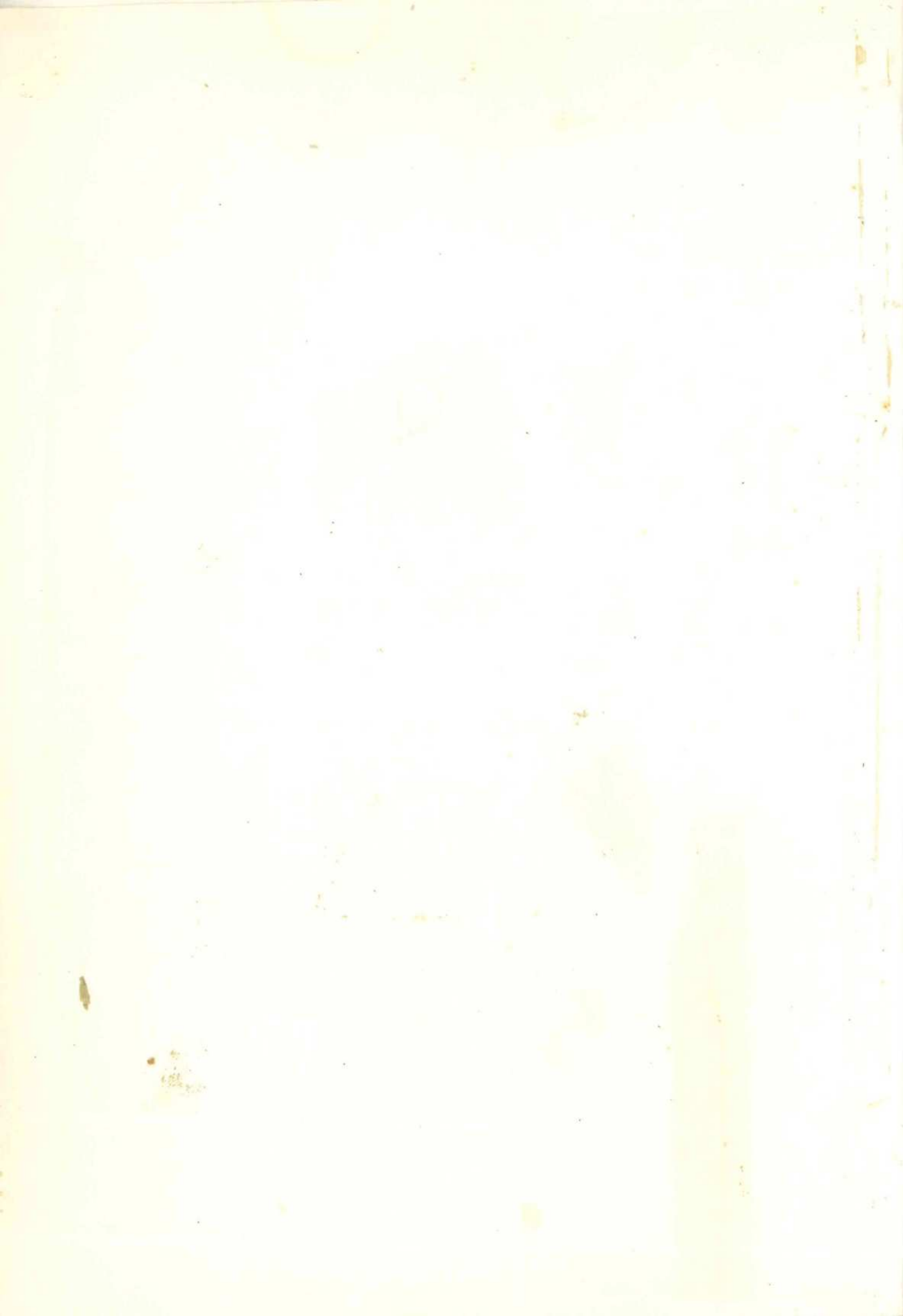




4.3-1Vilaça,Fi





Amores e Flores

poema

e poemas e poemas

po

mando Simões Viltana

Barcelense n.º 1979
de 12. Março 1949

INTRA-MUROS

ra-cter—era um Homem Bom de Barcelos e que muita falta vai fazer às principais instituições da Cidade do Cávado, por quem muitíssimo trabalhou, tendo desempenhado os cargos de vice-provedor da Misericórdia, vereador municipal, mesário da Irmandade do Senhor da Cruz, director da: Associação Humanitária, Associação Comercial e Associação dos Caixaeiros, tesoureiro do Recolhimento do Menino Deus, etc., etc. Como jornalista, João de Sousa, foi um valoroso combatente pelo engrandecimento de Barcelos, escrevendo na «Folha Liberal», na «Acção Social», em «O Barcelense» e, ultimamente, no «Notícias de Barcelos»

remos se não tivermos um Minis-
tores reais, onde comandem os
prudentes, onde a ciência e prá-
taz, sobrehumano, que traga final-
o dos trabalhos que é, ao mesmo
ação permanente de cada ano».

os Lavradores e os Traba-
dando-se-lhes Caixas de Pre-

nicas, etc. etc.

, por que é de toda a justiça.

trabalhara, pelos portugueses.

Barcelos n.º 1979
de 12. Março 1949

INTRA-MUROS

Reflexo de sombras

Noutro dia, pessoa amiga ofereceu-me um livro manuscrito, inédito, intitulado «Amores e Flores» (poema de poemas e poemetes), cujo livro contém 67 sonetos e 178 páginas com o respectivo índice, da autoria do falecido Fernando Simões Vilaça, grande proprietário e capitalista, cujo livro, por minha vez ofereci à Biblioteca Municipal.

Fernando Simões Vilaça, natural de Barcelos, donde nasceu em 1837, era filho de Fernando Antonio Corqueira Simões Vilaça e de D. Luiza Simões Vilaça, tendo falecido no seu chalet da Quinta da Ordem, na Fonte de Baixo, desta localidade, em 2 de Fevereiro de 1914, com 77 anos de idade.

Como era bastante abastado e jogava frequentemente na Bolsa, era conhecido como um dos melhores banqueiros aqui do Norte.

Foi casado, com uma sua servil de nome Maria Rosa da Costa, a qual não se tendo portado condignamente, ele teve de recorrer à Justiça, requerendo o seu desquite, por, naquele tempo, não haver leis que permitissem o divórcio, razão porque, quando faleceu, cheio de desgostos, se encontrava na situação de separado judicialmente.

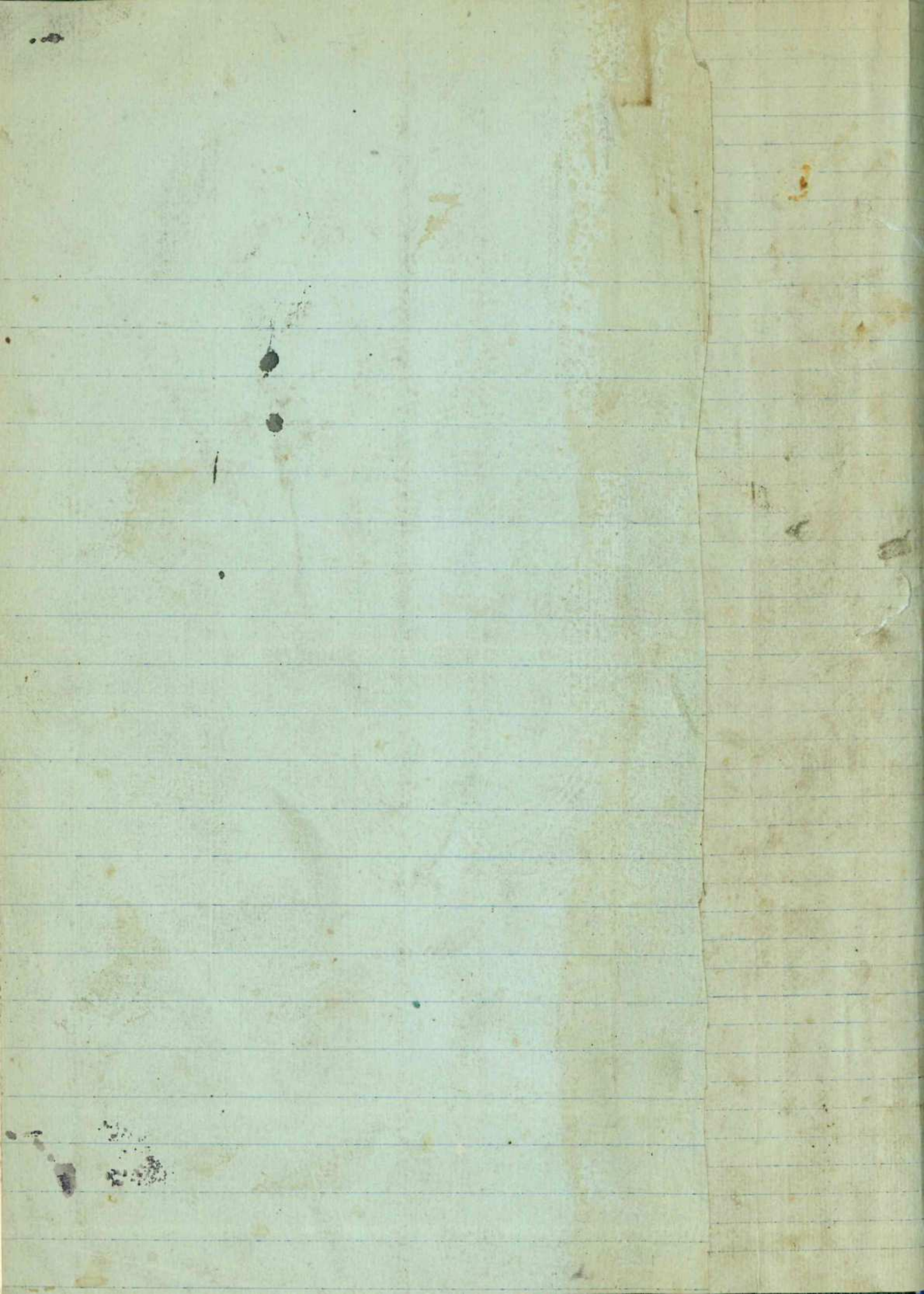
Frequentou a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra até ao 4.º ano, que completou, abandonando porém os estudos a pedido de sua mãe, após o falecimento do pai, a fim de melhor governar os grandes bens de fortuna que lhes deixara.

Simões Vilaça, era creatura muito fidalga e culta deixando publicado diversas obras poéticas, entre elas as seguintes:

Hymno da Manhã, e Vida
na Terra

as quaes conjuntamente com o manuscrito inédito, a que acima me refiro, ofereci a nossa Biblioteca Municipal e bem assim um pequeno opusculo intitulado «REFLEXÕES JURÍDICAS», por parte de Fernando Simões Vilaça contendo a sentença de primeira instância no Processo de Artigos de Falsidade entre o mesmo e D. Maria Rosa da Costa, de Barcelos, do qual se põe a claro a vida amargurada d'aquelle illustre e probo cidadão.

Tudo isto, em meu fraco entender, fica bem guardado junto do recheio da nossa Biblioteca Municipal.



Oferta do Tenente Q. R.

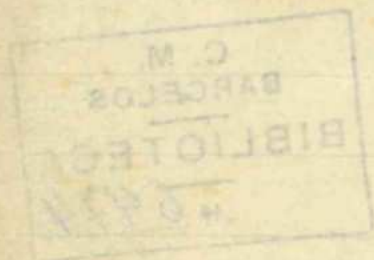
Francisco Carlos e Silva

Proemio



Um velhinho simples, bondoso, um teu viro
De estrelas na idêa, pinto em chamras d'ouro,
Da infancia a colorando os botões purpurinos
Com ditos, com graças, com brincos divinos,
E azeitando que os homens se prezem de modo,
Que um abraço de alma cinja o mundo todo,
De cabell' branco, luscido de prata,
Amores e flores, em verso, orlata.

Assim de senil, e saudoso procura,
Em tuas memorias claras de ventura:
E tu, Alta Gloria, que o genio premias
Por obras sublimes, por novas ideias,
Vai vendo se digno se apresta o mesquinho
Da vida cansado, da morte visinho,
De cabelo branco, luzido de prata,
Que choros e Florus, em verso, relata.



Rosal andaluz.

Quem no viu a Switha,
No ha visto maravilha.

Adagio popular.

Bela estrela — que murtheras
Em Switha!... se poderes
Levada a quem quera ouvir
De este rosal a sorrir,
Quel o botão mais perfeto,
Que hade haver quem prenda ao peito
Rosa d'amor por abrir.

Que mulheres! que animado
Gosto o seu! legue agitado
Com graça, tão senhoril!
E em bailes... que dons d'atril!...
Um rosal de humanas rosas,
Que dão a damas mimosas
Vivacidade subtil!

De olhos ^{pretos} buço preto,
Moiras são, que um esqueleto
Podem n'um dandy mudar,
De lineta olhando o mar,
Duna e penhas caprichosas,
Aos ~~abotoes~~ botões de rosas
Foram mas ondas parar!

Sua mão revada e fina
Ora afaga, ora assassina!
E a querinda alguém assim
Para tocar bandolim,
Ou em dia de seus anos,
Para os gregos e troianos
Cumprimentar no festim.

De folhas ensimbrantes!
Borboletas doidijantes!
E os braços que a mãe lhes deu,
Vindados com fins vós
De tamanha anstriedade!
Quem tão cois deuscar não ha de
Ver só ratitos de ceo?

N'eluz é tudo salvo!

C'a cinta . . . nem pensar quero . . .

Em suicídio atroz! Jesus!

Pois dar a cruz induz

Do cinto ao cecilio laço,

E penar por certo espaço

Morrer, que a morte seduz!

De negro, ou auro, o cabelo!

Quando o embelacem com zelo.

É fantástico jardim,

Se o discorram; sempre enfim

Mesmo as dardem arrebatada,

Faz cutivos, a quem mata,

Com punhal mão bella assim!

Com punhal! hei de dizê-lo
Swilkhanas, convencidos,
Um dia com seus rascões;
São os mortos legiões!
Muitos mil, que infelizmente,
Com vossas tranças ligados,
Gemem bijando os grilhões!

Tem porte é cortez e bello!
O vestir todo um diserto!
São estudo ao toucador!
— Ai pombas!... se um caçador
Nestes sitios apparece...
De que vós belas se esquece,
E atira-vos logo... amor!

De Cordova e de Granada
As flores... noite estrelada,
Não sentem os corações,
Mais que vós, torna em nós,
Lunetas, calidos desejos,
Se os astros inspiram beijos,
E a serenata, paixão.

Também digo é maravilhoso
Com tua encanto, Leitura,
Toda qual mais sedutor,
Por toda a parte esplendor
Que o ideal vivaz esculda,
Passios, festas, Giralda,
Alcázar novo, o melhor.

Tens entre os dons, que entes oiras,
As hijas sangue de moiras
A germinar, re florir,
De cada flor, flor a vir,
Moiras, pelas quas tão bellas,
Ao passar ante as janellas,
Inspira o Guitaquirir.

Lerithanas! sol de Espanha,
A Dama, a que o Tijo banta,
Lisboa, é tão genial!
Fol^{la} de ^{ver} se é bel
Portuguez, que ama hispanholas...
Baile, e tango castanholas,
E pandeiro, sem rival;

Toucinha, quicima valmudes,
É chulo, trae calças verdes,
Cor rubra, sulfuro, d'anil,
Joga, toca por fúnil,
Caralga, faz piruetas,
Com tanto com sal e tritas
Faca vir chica gentil.

Que avindas em Lisboa!
Grande porto! A gente é boa;
Bom é todo o português;
Lé Satanaz trouxer
Que empalme lá os meninos;
E os seus filhos pequeninos
Fraguillando — que avidez!

Antes da Guerra

Já ninguém lá vê crianças!
Mas indo com vossas danças
Ao solo de Portugal
Não fazeis - calculando o mal -
Florir com rimos as goanjas?
Se o taramjal dá larungas,
O que dareis vós, rosas?

*De só frutos de amor apenabida,
Por dentro iguiffles bela promida,
Portugal sempre vive, e vive amantado.*

*O tempo e o seu dia no facto a conta,
Luz e treva do tempo de paz foi sua vida,
A farsa e a conforma da vida
Com o seu dia e o seu dia como sempre.*

Rainha Santa

Obutos em flores

Rainha amada assim! Virtude tanta
De só' frutos d'amor apercebida,
Por dama igual, tão bela possuída,
Portugal jamais viu, e ver incunta!

O templo no seu dia em festa a carita;
Que além de arjo de paz foi sua vida,
A famintos e enfermos dar guarida
Com sanclavos prodigios como santa.

E santa o can a fez, qual povo se cria!
Mesmo os reques, as flores que levava,
Aos pobres em moedas convertia;

De angustias mil a noite illuminava
Por onde fosse - e então tudo corria
Ver e saudar a Santa que passava!..

Senhor da Fonte da Vêda

Na cruz o sol mais fulgente

Se sumiu — passou Jesus!

Alma aflicta — de repente

Vai ajorchar-se à cruz!

Vai, alma aflicta, que puto

Puto ha, que á dor sempre aberto

Sempre balsemo gotiza

Em quem, se um rio desja

Para a sede um rio é certo!

O corpo livido, morto,
Imagem do melhor pai,
Vós aqui, filhos, conforto
junto à cruz, nelle buscai:

Buscai, correndo animados
De viva fé, unilhados
Crentes na eterna bousença
Luz ante um pai de tão grandeza
Jamais ha infartunados!

Deus protige, Deus perdoo
E seu auxilio, ou perdoo,
De sua excelsa coroa
Nao é somente flores!

Oh que nao! Mesmo elle um genito
Nos lava a culpa co' pranto
Luz vertem novos pasaros,
Nao mais areas nos muros
Luz d'estrelas no seu manto!

Inclinaí a fonte erguida

Em despedida ao Senhor,

Que por ser fonte de vida

Não o é menos de amor;

De um amor — que tu es tralhas

Tem a dar as flores belas

De sua graça infinita,

Rears deste monte nos dita

Cultivar para colher-as!

De Sobrinha e Sora grande,

Quero florir em aconchego

Entre os vãos paguimimp.

De Sobrinha e Sora grande,

Quero florir em aconchego

Entre os vãos paguimimp.

De Sobrinha e Sora grande,

Quero florir em aconchego

Entre os vãos paguimimp.

De Sobrinha e Sora grande,

Quero florir em aconchego

Entre os vãos paguimimp.

De Sobrinha e Sora grande,

Quero florir em aconchego

18
O corpo leve, morto,
Longa de maltha p'ra
E a água, fétida, confusa
Ponto de luz, n'la brava;
De um amor - que t'raz
De viva fe, umilidade
Coito na amara brava
P'ra o que não se pode
Fazer a importância
De um amor - que t'raz
De viva fe, umilidade
Coito na amara brava
P'ra o que não se pode
Fazer a importância

Deus proteja, Deus perdoe

E seu amor, seu poder,

De sua misericórdia

Não é somente flores!

Oh que não! oh que não!

Não é só a culpa do pecado

Não é só a culpa do pecado

Não é só a culpa do pecado

Não é só a culpa do pecado

Y rigo isparado

Flora da ilha de São Paulo

Branca é irmã de Isolina,
De Isolina é Sara irmã,
Cada flor com a mancha
Vindo de vós pequenina!

Podem tesouros, baixelas,
Joasarias refulgir,
Mas não vingarão com
Com quem traz luz das estrelas.

Como ella, entã, se apizava
A vós, junta as botas!

Que a aurora em seus labores
Orvalho em gotas soar,
Que o jardim ha de invocar
Sempre o vico a estas flores.

Logo o mar conchas mimosas,
Nacaradas pro dizeir,
Que ellas tem inda a pedir
Tintas como as destas rosas

Estas mandou com certeza
Deus por mim a este val,
Que n'este domo paternal
Tus arjos eẽ com surpresa!

Lim Branca, Sara, Isolima,
Poucas tais não sã de cá,
Cada flor com a mancha
Vendo a voar pequenina.

Mãe e filho

Floris na Terra

Se o arbusto humano floresce . . .

A virgem, se um dia é mãe

E ao colo vê, que a entranha

A criancinha que tem . . .

Se se inclina como a palmeira

Sobre o terre fructo d'alma,

Que mal seguro no chão

A sua mãe se segura . . .

Como ella, então, se afigura

A nossa junta ao botão!

Se reunim-nos o desejo
Quando she esmorece a cor,
Que o levanta, agita, e beija
Como o sol a toda a flor...

Se elle chora, e ao regazo
O colhe em feruido abraço
Mostrando que em coração
De mai, ah... nunca amareceu!..
Como, incla então, se parece
A rosa junta ao botão

Da-se um emblema florido
De afeto puro, immortal,
Quando traz a si unido
Um Bem que não ha igual!
Como se abandona o sio
A' borboleta, que vem
Fazer nectarea extração
De uma e outra flor vermelha...
Sempre, enfim, que se simelha
A rosa junta ao botão.

Jardim de Luz

(Flora no Azul.)

Nos céus, que tão fundos
Em osso a sismar,
Planetas são mundos,
Que andam no ar.

Satélites vão,
Que, no largo, os circundo,
Em rondas andando
Também mundos são.

Esferas mimosas

Gravitam no ar,

E tão numerosas

Quê é ver e passar!

Belos, vivos sóis,

Tem conta que sejam,

Atendendo flamejarem

Existentes foveis.

E o mundo, em que habito,

Planeta a andar,

Vai no infinito

Como os mais no ar.

D'elles legiões,

Em curvas seguindo

Vão, sim, reflectindo

Dos sóis os clarões.

Não vagaria à solta
Cada qual no ar,
Mas de um centro à volta
Vastas vai a dar.

E tãt o que a dá
Seu curso é extenso,
Seu espaço immenso
Que outro algum não ha!

Todas a levarem
Tulvez gente e mar,
Sem nada, ao volarem,
D' elas se entornar.

E — Terra a correr —
Nos, que n'ela vamos,
N'os cios é que andamos
Sem o perceber!

Como barando flores
De dentro a luz dar,
For de varios cors
Explanando no ar.

Oh quem sabeis mais
For sempre assim vindo,
Nao se cansa sendo
Sistematico astrais ?

E a Terra luzindo
De espelhos solar,
Tambem se vai indo
Como flor no ar.

Leva ar, agua e paos,
Caca, pecca e firme !
Nos cios se resume
Toda a creatura.

É obra imponente,
Que abisma o pensar
Podê-la um só ente
Imensa crear!

Imenso nos céus
Sem gesto é que expande,
Sem par e tão grande
Lé ille é que é Deus!

Grande joia entalhada,
Fulgente, acaso, ao arator
Do infinito, a quem se inclina
A humanidade de amor?
Quem, não, não, não, entre as pedras,
Atas, subtils, e tóxicas,
Lidar, ante elas, por minuto
De, nem mais, do que luzido,
Desentão do azul infinito
Tão vazante, ampla, e clara?

I have been thinking of you
 and how much I love you
 and how much I need you
 and how much I want you

I have been thinking of you
 and how much I love you
 and how much I need you
 and how much I want you

I have been thinking of you
 and how much I love you
 and how much I need you
 and how much I want you

I have been thinking of you
 and how much I love you
 and how much I need you
 and how much I want you

Hiro clama manhã

D'amor ao creator

Grande joia matutina,

— Fulge, acaso, ao amador

Do infinito, a quem se inclina

A humanidade d'amor?

— heu!.. Não vê, bela entre as bellas,

Altas, nitidas estrelas,

Quem a ti clama por missões

De nuncia do sol luzindo,

Desatur do azul infinito

Tuo viver, amplo claror?

Vez e brilhar! E a Aurora
Flores, e o rubro Arribal
Fazem crer que ao sol colorem
O conspecto de outro sol!
Outro sol, tão belo e grande
Que em espaço immenso espande
Irradiação sem fim,
Onde os vãos immensuravel
Mundos sem conta, incensuravel
Projectou, valido assim!

x

x

x

Butincho a nevoa sombria
Faixa branca real, ...
E' certo - o astro do dia
Vem com pompa triumphal!
Extinguem brumas, vapores,
Tem graça nos seus fulgores,
Calor tem nos raios seus,
Traz alma, traz alegria,
E' quem vem sendo alumia:
Gloria! Hosanna! a etc, e a Deus!

A Deus — de quem, sol, houverdes
Dar a Terra corpo e ar,
Com massa que desprendeste
Em chamas no ethereo vao!
Honra sim! que em torrentes
Em fulvos traços ingentes
Teu ar voa, a passar...
Tinge os pinheiros dos montes,
Disse aos campos, vem ás fontes
Rios e mares — brilhar!

Gloria! honra! — Real princeza
No dia sem nupcial
Apresta-se a natureza
Toda em galas, jovial!
Teu luz — o sol — a infinta,
Colar, cinge, zela, espreita
Do bosque na solidão,
Orde por sitios entrada,
Lindou feras, maculada,
Dominando no escuro chao!

Gloria! hosanna! — Eis que surgindo
Rompe a terra **este** que alta dá
Copa em flôr, alma sorrindo
De mocidade e manhã!
A qual — folhas esparso, ostenta
Fructo, que augmenta
Até distincto sabor
Em granch, e rubro no lado,
Que agucos mais inflamado
Por quem fez Luz, Vida e Amor!

Gloria! hosanna! — A Terra chive
Por ele com profusão
Do belo e bom, que semia...
Aclama-o com efusão!
Pois quem nos presta água e lume,
Ar, alivante, o perfume
Que atraentes flores tem?
Que aos astros dá luz e brilho?
A mãe que acalentou o filho...
O filho sorria à mãe?

Que as auroras bafijem rosas
Nos jardins — lirios no val'?

Que hajam fontes? maninhos
Esanattadas no rosal?

E que, enfim, *belos* cantores
Escendam filhos e amores

Plena, arborea solidão

Pois, ferindo a vida espinhos,

Sigam adentro dos ninhos

Resguardem o coração?

Em ti, só, a magestade

Se expressa d'um grande ser,

Cotijo-a com a *humildade*

Humana, e argumenta o meu coar...

Sim, quando n'ele meclito

Se a alma, ao verte, aneia unyrito

Parcega de ti *parol*,

Presente na diferença

De trancem pò, à gloria imensa,

Do homem *proitor*, ao maior sal!

Em suma — em ti a ciência
Se amigalva a vida a amor,
Provendo toda a existência
De calculando calor;
No gelo e obscuridade
Misericórdia ~~humanidade~~
Sem tua grata influência,
Pousado, campo e serra,
Mar e rio, toda a Terra
Esquecida com teu clarão!

Ah não faças d'ela um crono...
Um orbe extinto a rolar...
Mas deixa-a ver-te sem termos
Contra a noite a butelhar,
Que é no ^{seu} giro incessante
Qual turbido gigante
Do infinito ao grande auctor;
E para que toda a gente
Ante a aurora, de luz nascida,
Erga humana ao vencedor...

(Exemplo de bem servir, e amar a Deus.)

Obliquos inorgia o sol no cimo
Das tendas esses raios, essas chamas
Atidas, esses de oiro largos traços
Que ficam pelo ar, quando os sua liço
De creia se recolhe nos desertos.

Rivestam o campo o oiro e a purpura!

Subindo do Nebo a estéril montanha
Moisés, homem de Deus, para a povoação,
Moroso e humilde, os olhos no amplo espaço!
De figueiras orlada a primeira
Phaega surgir; depois, além dos montes
De vista a percorrer, descobre todo
Galluad, Ephraim e Manassés,
Cujos fértil paiz lhe fica á direita.
Espaço, no meio dia, grande e estéril
O fundo sua arcia, onde dorme
O mar ocidental; lá mais ao longe
Nephtali, corvada de oliveiras,
Mostra-se em val', que á tarde impudica;
Em planícies de flores, magníficas,
Sirenas ao conspecto se apresenta
Gerico, a cidade das palmeiras.

E o bosque prolongando desde as planícies
 De Sogor a Sogor, se alonga tímido
 O lentisco de folhas. Elle avista
 Cum a todo, a terra prometida,
 Onde regada, o sabe, sor-lhe a campã;
 Avista sim, e o grande mar estende
 Torna os Hebreos; depois . . . depois prosegue
 Na incertada ascensão do monte avistado!

Oca, dos campos de Moab cobrindo
 O extenso vacinto, de larga fôrca
 Do santo monte, inquietos se agitaram
 Os filhos de Israel no vale, como
 Trigo espesso, que o vento agita.

Desde a hora em que o rocio é arriu o cristo
Umecides, do bordo ao cimo pedras
Embalando, profeta cantando,
Moises; circado d' honras, tinha ido
Procurar o Senhor. Os olhos iam
Seguindo-me da frente a luz radiante,
E logo que attingi do arriu o cimo
Do grande monte, mal sua cabeça
Rasgou de Deus a nuvem, que corae
Com seus charões do alto sitio o primeiro,
Sobre altares de pedra, é visto o incenso.
Arder por toda a parte, e se baixaram
Seis centos mil Hebreos ao chão cantando,
Unisonos, o cantico sagrado,
A' sombra dos perfumes que doirava
Do dia o ar; e de Levi os filhos
Sobre a turba elevando-se geral bosque

De ciprestes na arvia moradia,
Com erga a voz de pino a acompanhar
Do rei dos reis ao alto o imo erguendo,
E de pé, ante Deus, Moisés falava,
Faz a face, envolvido em negra nuvem.

Senhor, não terei fim? ... e tereis dignidade?
Onde quereis que eu ainda eu me conduza?
Terei pois, sempre só, o poderoso?
Dad-me o sono dormir, que dorme a terra!
Tera ser vosso eleito, que servico,
Senhor, vós hei prestado? Onde quizeis
Vosso povo guiar. Com os pés e o
já a topar na terra prometida.

De vós a ele, assim em outro ocupe
De intermediário o meu lugar, vá fúria
Do consel de Israel reprimia o impulso;
Ligou-lhe ^o meu livro, e a bronze vura!
E logo que attingida a alma a alma
Do grande monte, sob sua cabeça
Porque o mister vos foi fazer murchassem
As minhas esperanças, não querendo
Dinero-me homem com minhas ignorâncias?
Pois desde o monte Horat ao Nabo inda
Não pode o sítio achar do meu jazigo?
Ai entre os sábios, sábios me fizestes!
O meu duto geriou do povo errante
E passagem; fiz cair chuva de fogo
Na cabeça dos reis, hu de o futuro
Minhas leis adorar ajuntado;

E grande o gesto meu de firmamento
As chamou cada uma pressurosas a
Atendi a dizer-me "algui me tens?"
As muros pela fronte as mãos empunho
Para em seus planos abafar a origem
Das trovadas; sumo sob muros
De arcos as cidades, e distúo
Com as azas dos ventos as montanhas;
Além p' infatigavel é mais forte
Do que o espaço; o rio em altas ondas
Se afasta de mim passar, e a voz dos mares
Servante a minha voz logo emudece.
Quando sopra o meu povo anheloso
Choro o meu olhar, e o vosso espirito
Vem visitar-me: o cella antea, a terra,
Neste instante é o sol, e os vossos anjos
Nas sem ciúmes entre si me admiram;

To clavia felix nunc sum, figestes-me diva
Um vultu proderas e desistebas:

Dai-me o sono dormir, que dorme a terra!

'Ohe nos é estremo!' se disseram
Os homens logo que ao pastor o novo

Espirito o ocupou; e entao seus olhos

Se baixaram pesando os muros de fogo,

Pois que ... ad! acubaram de ver nullo

Mais que a minha alma! O amor se extinguir-se,

A amizade murchar, e raras as

Do pensamento as virgens se vendavam:

Envolvendo-me, entao, na escura columna

Na vanguarda de todos marchei triste,

Tão só na minha glória, e no meu peito
Eu disse: Que quero presentemente?
P'ra dormir sobre um siso a minha fronte
Assim pesando à, e a minha dextra
Na mão em que tocas o terror da vida;
A minha voz reside a tempestade,
Reside o raio junto da minha boca,
Assim em vez d'amararam-me, eis que todos
Tremem e quando os braços abro, caem
Nos meus braços! O Senhor, em tanto
Vivido proclamo, e deobado,
Desi-me o sono dormir, que clamo a terra!

Ora o povo o esperava, e eu não
Como a temesse, ouava, sem que ao monte

Zelos de Senhor, olhos erguesse,
 Porque, se tal fizesse, os negros flumes
 Das nuvens rotariam repetindo
 Da trovoada o estúpido, e cegundo
 O claror dos campos a vista,
 Enlevaria as frentes reclinando-as
 Por toda a parte!

(Luzor Filinto)

Mas Mas eis que de subito
 Sem Moises se aristou do monte o vertice!
 Foi chorado!

Marchando para a Terra
 Da Promissão Josué meditabundo,
 E prático avarecava, visto que era
 Estar o eleito já do Omnipotente!

(Bigny)

Como tu os vistes, e como o vento voa!
 Percebe o mundo depois de tanto o ar,
 Desperta os ecos, soluçando triste
 Longitudo gemendo

... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...

... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...
... de l'indes, toutes les figures, ...

Vou, meu cunto! *... e a vida é uma luta*
 Tais sons ora Saudade *... e a vida é uma luta*
 Sou teu amigo, *... e a vida é uma luta*
 D'atraso *... e a vida é uma luta*

(amor filial.)

Sou o anjo que a flor de vida
 Que, entre o fim e o começo
 Minha gente a per *... e a vida é uma luta*
 Saudade *... e a vida é uma luta*

Vou, meu cunto pela dor enfiado,
 Que d'alto alviss me serás se o mundo,
 Aos versos tristes, que te ouço do tristes
 Sou eu *... e a vida é uma luta*
 Dir-me a lagrima! *... e a vida é uma luta*

Casa-te ao vento, e com o vento vou!
 Perco o mundo de que tudo os ecos,
 Desperta os ecos, soluçando tristes
 Lugubres guinasas *... e a vida é uma luta*

70
Em longe o herce paternal, cativos,
De uma sandade, que contém mil dons,
Meus dias passam, gemo, choro, e peso
em paz do tumulto!

Oh vã, vã, meu cantar sentido!
Percorre o mundo despertando os ecos,
Desperta os ecos voluptuosos tristes
Tremulo, rouco!

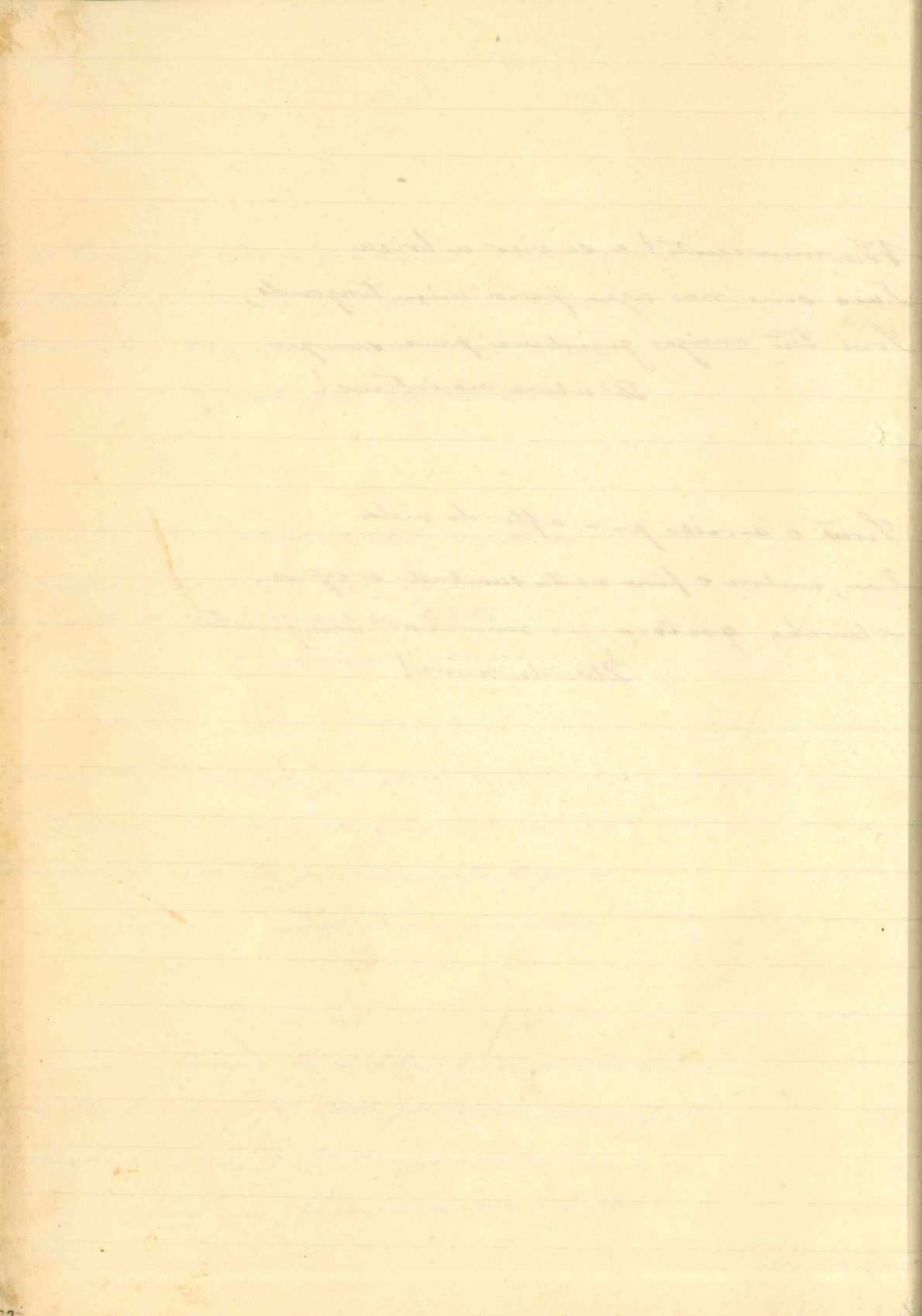
Porém se o mundo já corriste, volve
t'pratica mistica, e suspirando ensina,
Ensina os ecos dos jardins que digam
"Lá chora o misero!"

Longela o tempo se muda pois mais cruel
mas o sol passeie nos jardins quem pede
ouvindo os ecos, exclamar sandoso:

Lembra-me o filho!

49
Voa, meu canto! e se vier a brisa
Tais sons nas azenhas para mim trazendo,
Tais teus meigos que de cora para sempre
D' alma no intimo!

Lixes o arvacho para a flor da vida
Luz, embora o fino nesta sunchade a expere,
Murcha gostosa por murchar benquista,
Pleida nova!



Portuguese

Aguirre de pai

Se, acaso, eu pai fosse

Quanto me era doce

De bebês na posse

Com eles brincar!

Fazendo-me tolo

A cada um n'um rolo,

Jogava-os do colo

Colhi-as no ar!

Não só que eu tivesse
 Ninguém me prendesse...
 Que eu ia com esse
 Pular a valer;
 Brincava a pprachado,
 Fugir-lhe, beijá-lo,
 Andava a cavalo
 Com elle a correr!

Mesmo sendo fera
 Leão, ou puma,
 Fulgor eu quizerá
 Com filhinhos meus;
 Ou ave mansinha
 Se eu fosse, ou danminha,
 Faraz que caminha
 Contando esses dias!

Portugueses

(Amor patrio)

Introdução

Lanta a gente brava, esboceada
De fumaça... portuguesa! — que inspirada
A praticar o bem, como esotista
Para exemplo fumeles foi levada,
Por terra e mar guerreira, destemida,
A julgar quasi inutil, hoje a espada,
E no labor em paz e liberdade
A ser claro farol da humanidade.

Não louros, não, não, não, sangue molentes
Dictadas por propósito inhumano,
Não são de portugueses, essas cruentas
Contendas a capricho de um tirano;
Por mais que os ambicões sejam sedentas,
Tem sempre a guerra aqui um fim humano,
Ou disfronta, ou mesmo um passo novo,
Que a alma enobrece engrandecendo o povo!

Mas a obra que a tua humanidade
As fulgidas estrelas elevanta,
De criar um país, dar-lhe unidade
Independência, aumento, força tanta,
Instrução, são moral, e liberdade
Para ser como luz que a treva espanta,
Bernatto a aclamará efano e ousado;
Orça-me este emisfério e o do outro lado!

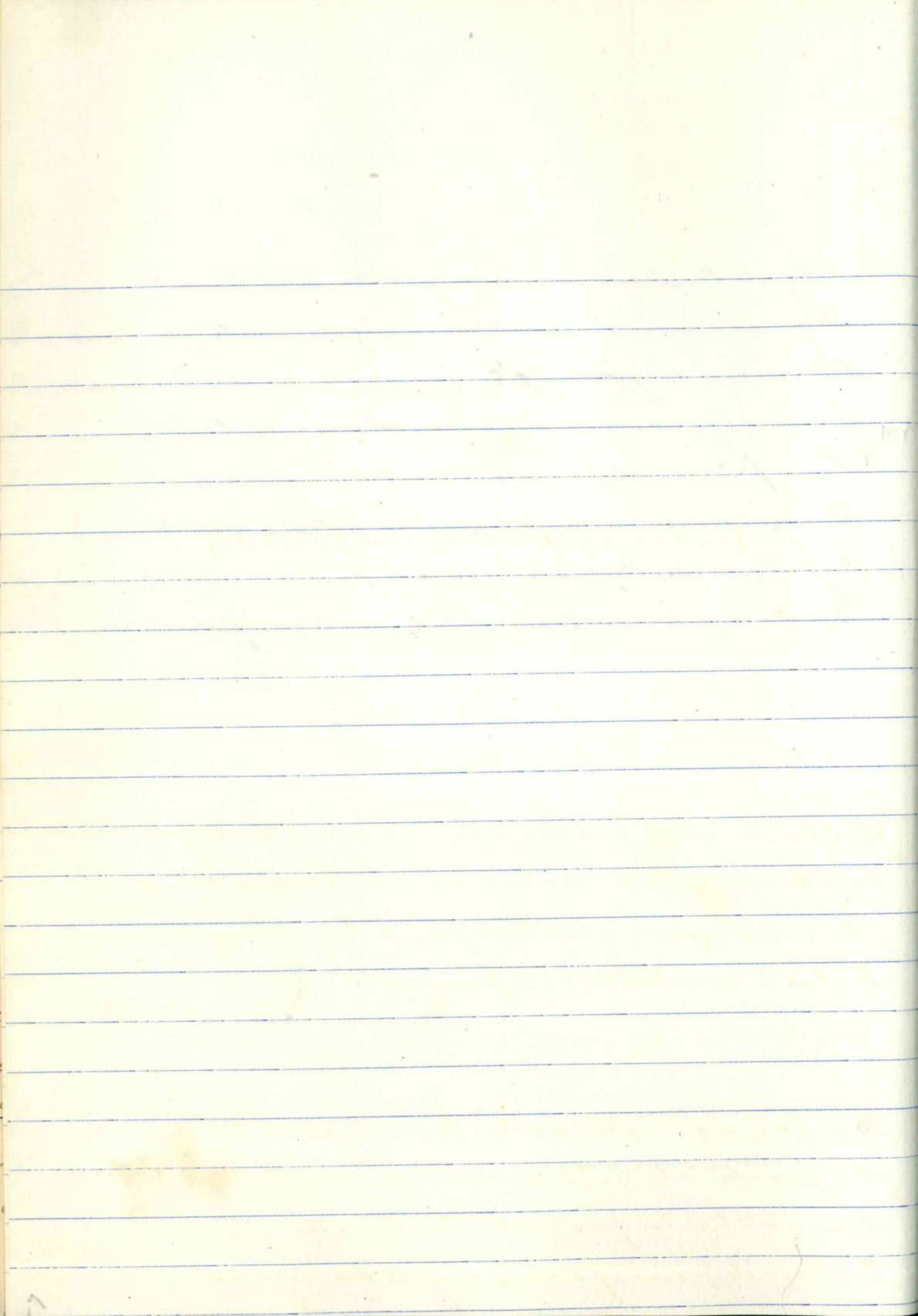
Antes, porém, de alçar em tal empresa
Edifício com cúpula ostentosa,
De gênio, embora, traga a mente acesa
Te invoco, anjo de Deus, musa formosa,
Que não morra n'esta alma, que te presa,
Essa flama divina, radiosa,
Mas, pois, que apras aos céus o meu intento,
Alta, faze visto o monumento!

Or se te agrada mais tu, anjo alado,
A quem deus o engenho e a poesia,
Desce do alto aqui, se enviado
Por quem a Terra só anjos envia,
E n'esse claro som, puro, elevado,
Estilo, tão gentil, santa orsúdia,
Da portuguesa gente a história conta,
Que grata aos céus as trevas arredonta.

E vós proclamaei, condigno indício
De arde, cujas virtudes imitando
Do povo buscareis ser mais um lusitano
Dos maiores no solio venerando,
Um estranho, porém cavalheiro
Leve a mais firme e batallando
À frente da nação que estima as glórias
Reverencia os vivos das victorias;

Vós, Senhor, que a este povo, outras lúridas
Palmas nedeis colher mais valiosas
Nas luctas do trabalho tão subidas
Que excedem as das lias bellas,
Pois de estas as nações fazem crascidas,
Aguilões florascintes e ditosos,
E só por dar mais terras a conquista
C'um falso europel que engana a vista,

Aqui tendes — vereis — parte sublime:
Dignai-vos de acceitar singelo canto;
Clamor de gloria elle é, que o ardor anime
De imitar os que o reino alcançaram tanto,
Pois fria indiferença n'into é crime
Dever amor sem premios illustre e santo;
E julgaris depois de, como espero,
Dei cumprimento ao muito que vos quero.



O Desterrado

(Amor patrio, nostalgias)

Eito-o mar! Como em vagas se ergue irado
Em briga com o vento... oh tanto duro!
E entumescer, qual serpe, o bojo impuro,
E láo a ulular, enfuriado!

De tão aggra sandade fim seguro
E morte ali está — clama anelado
Em solitaria praia o Desterrado
Othando, sem pavor, o gualcho escuro.

Patria muito te amei — meu vício é esse!
Dime — e lancei-se vai da duna a lumen
Mas inhebe o a imagem que o endocheu

Da Terra onde nasceu... e o pranto lá;
Patria! Se eu te visse... e lá morresse
Feliz no seio teu morrer, oh mãe!

Amor à humanidade

Eu sei não sou — o que esperava
O fraco, o forte, ou mata — apache, feroz!
Nunca infelizes fiz, mas sempre houvera
Penas de quem sopra sorte mesquinha!

A miséria do pão, do que tinha;
Amor?, no sei meu quanto me deu
Quem permanentemente giro impros á espora,
E faz cantar n'um ramo uma aveinha.

Amor imenso não em penhas obscuro,
— Hjimeis não morço — sem ingloria
Conducta é franguear corações puros!

Milha bandeira é esta! Eu marcho à gloria!
Abra-se a cova — sonde-se o futuro,
Apareça a luz — cante-se victoria!

O Csar da Russia

(Exemplo do mesmo affecto)

Quem ás nações propoz para em tratado
Reduzirem o bellis armamento?
Pois a guerras hostil, de paz sedento,
De sangue, dor, e liuto, horrorisado?

Seria um senhador, sideres, alado,
Um tibe sem vigor, num sentimento?
Oh não! Mas vós, senhor, de medo isento,
Da Russia imperador, um potentado!

As guerras limitas a paz tentando
Propagar sobre a Terra... idílica santa,
Vosso nome de sois amarelando!

Da glória o dia ^{+ja} vos chama e canta!
Já imortal a vós, alto aclamando,
Em pé a humanidade se levanta!

Amor aos desvalidos.

Belisario, que apenas possuia
No Minho chocalheiro, onde habitava,
Fulcundo, mulher, filhos dipara
Sem o pão necessario em cada dia.

Visto li tutelar bem prescrevia
Inventario fazer... mas que se dava?
Por custas indo á praça a herança escrava,
Nada á indigencia comba, nada havia!

Li tal não previu isso; e a sociedade
fui aprendida a cobrir bem com seu esudo,
e quem se cõmo deira na verdade:

Promulgue-se outra após tunciente estudo!
Porque esta, em vez de a mãe e a orfanidade,
Salvar o parco haver - tirou - lhes tudo!

Amor é consciência

Sofrer é lei, e bem não se concebe
Qual a origem do mal, que a dor nos gera!
Choras, homem? — Absorve o pranto, fira
Vem a borra a sujar, de pronto o bebe!

O cu em bem as tagaras recebe
O mundo, não, que ri, cu faz auster
Nada a fina lamina tempera
Que no infeliz, depois, creanta em bebe!

Loqua! — Um ser a mão dá com clemência
A vários dos que imergem na delicta
Vão vendo o sal, que a alguma dura a existência,

E salvar-te ha por certo a mão benedita,
Seguindo atenta a voz da consciência
Como vindo d'austral, plaga infinita.

Penedo da Saudade

(azilo de amores)

Lugar suave á mente, ao seio, aos olhos

A. F. Castro

Penedo da Saudade, a ti me volvo
Na vida inda outra vez, outra vez velvem
A lira e o coração, quem d'aqui foram!
Os mesmos sentimentos os aperturas,
No coração amor, amor na lira,
Em ambas um sulco, ternura, extremos!

E tu o mesmo és, de novo esento

luras que em tua verde cornea ondulam,
Que anciosas de ouvir os sons d'ventura
Em murmúrio frenético se enroscam
No braço ao trovador, no braço á lira!

E tu o mesmo és, sacro ratião,
Abriço solitário, urna opulenta
De saudades da patética... es queas aviva
Em jovens corações teu doce aspecto.
E saudades de ex... Tala, ratião,
Consecrado ao pesar, salve mil ares!
De novo comovido te clamo
No coração amor amor na lira,
Em ambas um núcleo, tremura, catenosa!

x
x x

... Como conversa de amantes
Como os vetos da lira,

Assim murmura e suspira
A brisa aqui a passar!
Que miga vista d'esmales!
Que amplo espaço se oferece!
E enciso á alma aparece
De desprender-se e voar!

E tu o mesmo és, que outrora viste
Os suspiros, que em vão se enviava
A' patria idolatrada, ao céu clemente,
Aos caros pais, e irmãos - ai! - cujos nomes
Tanta vez escrevi estremecendo - os
Com verde pé de rosa em teu regaço!

E tu o mesmo és, que já me viste,
Sentado á tua beira, erguido o rosto,

Por noite de luar, a meia noite,
Tus nomes repetir, gemer chorando-as
Da terna lira na mais terna corda.

Lia, pois, que assististe a esses lances,
Nascidos da saudade, que revive,
Que brando os mitigavas como perfumes,
Que em teu dia, a minh'eu, a brisa cubre,
Ah se meu confidente neste instante
Compassivo me atende, os ais me escuta,
Longamente os não recolhe a vida tumba!

Ainda a rosea aurora d'este dia
Nas mostrava no céu as vivas cores,
Mas ainda pelo mundo ia esfaldando
A noite as soporíferas papaias,

Eis que sonhando vi patida a imagem
Do illustre Portugal, que o forte peito,
Que o braço de felizes trabalhado,
A durizas, jannis, fustou da guerra,
Acurvada a cinis... astro brilhante
Dos cios da gloria subito apagado!

Será agouro o sonho? Em sonhos cre-se?
Como o sol, que ora desce ao oceano,
At dar-se-ha que a patria assim declina
Por cios de outra porvida? Ou como as nuvens
Que do oceano ao sol vão caminhando,
Virão assim surgindo ao seu encontro
Do horizonte politico o atende?

Fulvaz meu Deus!

E é certo, que outro acindoa

Dilacerante o seio me traspassava

Espinho pungitivo!

Sim, eu tinha
Constante leal amigo,
No meu sofrer meu abrigo
Loio meu no meu praso;
Eu chorava, elle chorava,
Eu sorria elle sorria,
Um circulo de viro unia
Me viver ao seu viver.

Em noites claras, serenas,
Elle ia triste e sosinho
Tilhando rude caminho
Por entre abismos d'horror;
Depois na alta montanha
Parava eis erguendo os braços

Nas estrelados espacos
Mandava canções de amor!

Nas noites, fúas noites
Em que a luz do ceo se esconde,
E que ao temporal responde
Mais osue e horrído o mar,
Buscava a praia deserta
Trovava sobe um rochedo,
Como cisne, que sem medo,
Da morte rapica a cantar.

Longo espaço nos separa...
Eis-me o caliz da amargura...
Não o vejo! — a desventura
Pouco me traz apes si;

Cego iracundo destino
Me arrasta aqui sem clemência;
Já sinto fria a existência:
— O luz, apaga-te aqui!

Perdeu do Landade! mas que ideias
Sombrias, melancolicas nos versos
Que ainda vão a tremer...

Bem como vento
Que em chão de mortos passa minha lira
Assim foi triste agora, ou como arbusto
Que antes de se nascer chorar parece!

Longe a tristeza vá, que os labios murcha

Com esponjas de fel, que os vers de festa
Os mais dignos de ti, cobri de luto!
E de júbilo o sol em cima o fulcro,
Emquanto meu amor, em ti absorto,
E doce lira tange em honra tua!

+
+ +

Como conversa d'amantes,
Como os estares da lira,
Assim murmura e suspira
A brisa, aqui e pensar!
Que miiga vista de esmaltos!
Que amplo espaço se oferece!
E ancio d'alma e parace
De despendosse e voar!

Entrahas e papoiltas em manto,
Que todes te acoberta!..

Ah foi meu erro
Cuidar que já te viras... e só a ele
e ele só hui visto!..

Ah se tu te vira!
O gigante escondido... ~~ah se~~ tu te vira!..

Mas mais digno serás de ser olhado
Te ele, de quem és dono, seduz tanto!
Que riveas has de ter hercúleos hombros!

Que airoso corpo, varonil figura!

Pois teu corpo composto de suspiros...

Penso da Sandade... eu não me engano...

— Há longo tempo já que tens amores!

Por isso o tem dito, ao fim da tarde

— Hora d'amantes! — quando o sol se esconde,

E a poesia se sente no horizonte...
Por vezes o tem dito, aqui, por muitos
Talvez ouvido um som, que não notaram
Que bem estranho ele é, que bem traduz...
Um som miúdo, lúcido, que simelha,
Já o som de bulir de auras com folhas
— As marchas folhas, que clipeira o outono —
Já o som de regato, que humedece
Novo sulco de arêa e de seixinhos...

Mas eis o se ouve agora... eis que resurge.
Também parece... e muito! É certo — é certo!
Ou murmúrio de beijos, que suspiram,
Ou suspiros de amantes, que se beijam!
Também parece... e muito! — É lá — é lá!
Da seda se ouve o cicinho suave!

O gigante escondido ! , ,

Neste instante

Um lado de teu verde manto ergue-se,
Do palácio se abre a porta escura
Entram . . . e agora

celo louco, eis-te perdido !

A tua amante é furia, que te arranca
A alma e o coração, e os lança ao baettiro !

Ela é furia ! por Deus ali não lhe chamas
Anjo, ninfa, mulher, luz de teus olhos,
Mas repulsa a de Ti, mas trema d' Ela !

E tu não me ouves, não ? E tu sorris tolo

Sorris-te para ela, e a ti a enlucas ?

Como te invejo então ! Como te, ou morro !

Mas não, meu bom amigo, eu me halucino !

Tu gigante não és - no mundo o artista!
O som, que escuto ainda, é voz do vento!
De teu amor não sei - senti, fui falso.

Perdeu, perdido! que sinto a mente em fogo!
Sedus-me este lugar, sedus-me esta vida,
Que sobre ele irradia, que o florenta,
Que o genio meu exalta, a divindade!

De teu amor não sei - senti, fui falso!
O som que escuto ainda, é voz do vento,
Que ora esbraveja debriçando cedros,
Ora bafiza batucando lírios!

x

x

x

Como conversa d'armentes,
Como os extasis da lira,
Assim murmura e suspira
A brisa aqui a passar!
Que miúda vista de esmaltes!
Que amplo espaço se oferece!
E aircio á alma apressa
De desprender-se e voar!

Ai como, ás vezes, passãam
Loba ti nuvens d'ouçadas!
Ai que aves enamoradas
A vos requiebram de amor!
Como isto sugere o vento
Certo gosto lindo e brando,
A quem n'elle se retratando
Foi seu poeta e pintor!

E como os lumes que á noite
Brota no crebro manto,
Os visos consola tanto
O infeliz que os vê luzir,
Assim verte, visitando-te
— Teu por igual misteris,
Verte doce repouso
Em quem sandaels sentir.

E bem como invento bares
Pelos ventos combatidos,
Avista o porto querido
Recua, e vem a voltar,
Tambem teu mimoso aspecto
Por sandaels agitado,
Longo este sitio encantado
Me anda no sis a boiar.

Ora entes me lembra a serra
Que se ergue ao longe empolgante,
Tendo ao cimo a tua amante
E miraste asuncional;
Ora o limpo Mondego,
Que amenas margens adornam,
Onde as filhas d'ele intornam
Claros rons de cristal.

E bem ^{como} avas celestis
Em jardins de **ctericas** flores,
Cantam celestes amores
Tubo hastes cor de rubi,
Assim misch' alma es intando-as
Longe do val' por onde erra,
Em voluendo um dia a Terra
Cantara pois esta em ti!

85
Nada expor viu Deus em trono
Formado de astros gigantes,
Sob alfombras, em que brilhantes
Flores ha, vivos faróis;
E que decoram belos seres
De vestidos constelados,
Tendo os semblantes banhados
Do clarão de tantos sóis!

Sim dirá o que se ignora,
E chutale imaginado!
Quê tanto sumir o abalo
Ao trovão, que retentou!
É perder calor ao gelo!
Retorno à desventura!
Claridade à noite escura!
Água à fonte que secca!

Empim, amigo, reunes
Condições tuas de beleza,
Que é por dom da natureza
De quem passava estagão;
E serás, infimdos seculos,
O mais miço dos retiros,
Para espandir com suspiros
Labores de criação.

Apostrophe central

Amor falível

Grata appareço!... imagem
 Celeste... em anjo! Na adoração
 Semelhante a plumagem
 De viva pomba, que a usagem
 Faz tanto engenho e pureza!
 Ó casta visão do Amor!
 Eu um vulto trovador
 Te vejo assim, cais aborto,
 Envolto em ténis fulgors,
 Insensível, ~~semi~~ morto,

Com deliquio e os olores
 Que rasundem essas flores
 Do ramo que tens na mão;
 Como te elevas do chão,
 Como te vens realçando
 Ao eu, que o eu vai se abrindo
 Para receber, num bendo
 O teu gesto doce e bendo,
 E de alma a serena luz
 Que de tens olhos transborda!

No céu não haja uma estrela
 Quebrando o espelho todo e belo!
 Suas joias lance ao mar!
 Tire a princesa vaidosa
 O diadema e a coroa
 Com zelo por te aristar!
 Com desquite por te ver,
 O galo se veja arder!

87

O mar se encapela undoso
De reflectir-te ansioso,
Ebb o espelho dos charvões
Que em si retrata as estrelas,
E as embala a todas elas
No dorso dos vagalhões!
As aves cantam no ar
Festivas por te encontrar!

Assim consigo finalmente
Dime Augusto adolecente, ...
Durante a scena final
De uma peça emocional,
Quando foi a vez primeira
Quest nova educanda fôra
Ao teatro por seu nobre!

88

90
E registou somnolento,
Horas tarde o, lusimento
Deu noite de fúrias,
Como a sua decepção
Ao lado quando encerradas,
Vendo em trevas transformadas
O encanto da ilusão.

Nublou de Amor

A' hora da madrugada
Luz incante aparica,
Frente de joias torrada
Ramos florido na mão!

Então me surge de frente
Belo ser que me estremece,
E a sagrada me parece
Ouvir suspirar a fonte.

Rompem-se os céus n'um momento
Para vir-me festival,
Vem como ave que ab'imento
Busca a trinar pelo val'

As mãos na cinta sustidas,
Ou casando os ramos os dedos,
As maritimas perdedas
São queas conchistas unidas.

Os seus pés alabastinos,
De unhas rosas, de a andar,
São dois barcos pequeninos,
Fosse eu para elles o mar.

Se triste sou, tal do cura
De suas fallas distila,
Qu' n'elma um sol me rutila,
Quis outras por noite escura.

E entediado, se o inquieta
Deitar-se longe dos céus,
Porém lembra e julia
Prolongando em tempo achus!

Como a brisa ameno cheiro
Capta em jardins e pomares,
Ao onchar do ramo os ares
Furtam-lhe o aroma paguero.

Como do peixinho o rosto
Nasce a mãe de mirar,
Em outros pareceu posto
De continuo seu olhar.

Como as campinas decora
Com flores a primavera,
Da vida um ceo me fizera
Com tintas que invia a aurora.

Ele é meu, meu doce inteiro
Como a pebola é do mar,
Como da mocinha o trêço,
Se folhas quatro lhe cebar.

É da Trindade divina
A pomba, a graça celeste,
Sirio no sul, Vespera a oeste
Dando luz de pedra fina.

É o sol, é a bonança
Após tormenta a ulular,
O salva vidas que lança
Cubos a aflitos do mar.

D'alva cõr, mãos, rosto e suor,
De cios de ~~exmarat~~ os olhos,
Cupa — em serra — é que entre abrochos
Depurará de ~~ondas~~ chivo...

Mas estêta desolada!
Criei-me em esta visão,
Frente de jóias tocada,
Ramo florido na mão.

Sim criei para embalar-me
Na delícia deste harpejo,
E iludindo o meu desejo
De sem ventura olvidar-me.

Do viajor cansado a bordo
Da estrada — eis a sorte em mim!
Sinto-me, adormecer, acordar,
E ao caminho não vê fim

Mas, se eu por anjos deliro,
E anjos não vem ao mundo,
A flor nunca, em céu profundo
Consueto amor a' mim se dá.

Ela é quem nos anuncia
Luzilante, matinal,
Que o sol a trazer o dia
Não tarda a vir puternal!

E d'ante amoras mimosas
Que clareão, com que fulgura!
Luz de festa ao sol tão pura,
Que aves cantam, abrem rosas.

Gracias mil por teu abraço,
Livres braves, puro amor.

Jurem, cigareiros...

(Amor por amor)

Jurem escutar uma bala
Rosa colheu para dar,
A jovensinha que fosse
Como a que vive a sonhar;
Nisto encontra uma cigana
Com um pandeiro a tocar:
E diz-lhe: "Ten pandeirinho
Assim chama o meu anginho!"

Logo á janella despontou
Rosto ingenho seductor;
Da jovensinha não sei,
Mas lhe fez brinde da flor,
Mas, que a imagem certo estava
De ver-lhe sorbendo amor.
E disse "Ten pandeirinho
Chame presto o meu anjinho!"

Logo inoante menina
No seu balcão veio vir,
Era um anjo, porém outro,
Porque a rosa ofereceu?
Mas onde era a jovensinha,
Que ainda não a pôde vir?
"Toca, toca o pandeirinho,
Já me tarda o meu anjinho!"

Logo vai esbelta dama
Por junto d'ele a passar,
Tão junto, e tão deslumbrante
Que se sentiu fascinar,
De enleado até a cruzar
O astro do seu sonhar

E bradou " Bom padrinho
Atrai a mim este anjinho!

Logo ela pira, e voltando-se
A sorrir lhe falou então:
"Dê-me a flor, ~~que~~ que lhe deu heijos
E que subversos são!"
Deu a rosa — eram tão miúdos
Que disse, extinto a raso:
"Certo é este o meu anjinho,
O boêmio, o briguinha."

Logo a dama leva a rosa,
Logo a cigarra a cantar
Lá segue de rua em rua
Por toda a parte a dançar,
E já regressa ufana
De a quem buscava a flor dar:
Delirios de estudantinho,
Cedo Amor o fez pequinho!

701

O mais que Amor deseja

Andam aciehusamente, e sem saber onde ir
Um ser para encontrar o ser a quem se unir,
A perola, o tesouro, o todo encantador,
Que já em sonhos vira, cegula humana flor,
Que ele, a dormir o beija, a faga, e lhe sorrir
Lusta como vestal, carminada como heuri,
Suplício entrez é tal, que evoca os fabulosos,
De Sísifo e Danaides seus, temerosos!

Mas já retornado após seculento andar
Escutava e falar-lhe, e ouvia — o riso e o arfar —
Pudibundas gemas, confessor a final
Sentir em si anhelo em tudo ao d'ele igual,
No passeio, em jardim, por noite onde o fulgor
Dos astros surprehendesse esta scena d'amor,
É tal a ventura, e o mais que Amor deseja
Uma pomba é cacar adentro de uma igreja!...

Canto d'Amor magoado

Chorão, debrecado, funebre,
Lobos aguas ramos pendentes,
A' dor acuroado, sentis
Obumbrante fado lugubre!

Expressas estado d'alma
De um ser sem fim e penas,

704
Luz a aneia, em que vive, acaba
Fó' junto d'agua a chorar!

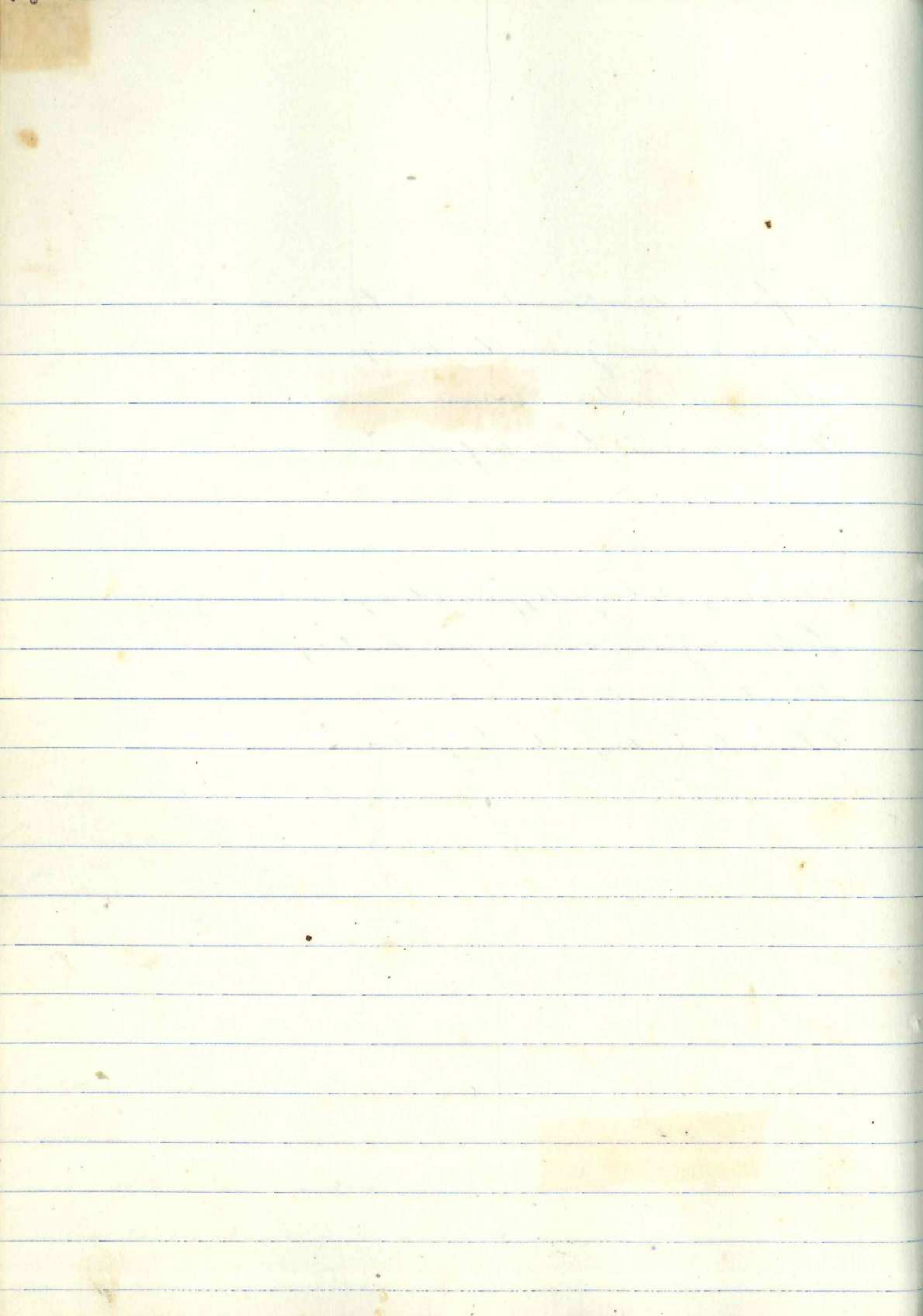
Também eu sou! Pranteio,
Reduzida de solidade,
Um ser, de quem a sociedade
Guarda o retrato em seu sio...

Cumpro pena de enxada
Como eu as velas embarcar...
E cadens angustiado
Trocamos, lúes, a acenar!

Partiu! clamor! dei um grito
D'alma o mais alto que pude,
Como, se assim, puto rudo
De luto encher o infinito!

103
E foi — sonhando um tesouro
Para o conseguir, lutar,
Mas que valiam *barras d'ouro*
De corações bons a puro?

Chorões, debuxado, fenebre,
Sobre água ramos pendentes,
Também sinto, como sentes
O humilhar-tei facto legítimo!



O sol do amor

Papagaio falador
 Junto à janela d' Armida,
 Entre mais coisas dizia:
 "Olha, nasceu o sol do amor!"

Lirio de magico alvor
 Serra estrela, que era ela,
 Vir *avistou* ela janela
 Pousa no frak - um senhor.

08
Dando-lhe a elle - a primor
Montado em cavalo baido,
Pulou logo o papagaio:
"Oha, nasce o sol do Amor!"

"Adus - the diz - linda flor"
Tencioso já de quem ama...
Mas o papagaio clama:
"Oha, nasce o sol do Amor!"

112

Amoras de Luna

Vida a prostrada, abatida,
Como estatua derribada
Ante columnas inclinadas,
Sobre a qual estive erguida...

E presci quã varia sorte
Domina tudo o que encerra
No ventre materno a terra,
Que nos dá vida, e dá morte.

110
Disse-me: "Tu que em menina
Com graças de tua idade,
Captaste a frecha amarello
De todos, flor purpurina,

Murcho hoje, e magros cello
Lacrimando em lances tristes,
Como se o mundo, em que existes,
Fosse um misero dequido;

Cansas do! — Logo te leve
Mun de insuncius tesoro,
Desvia o cabelo de oiro
Do rosto, e as penas descreve."

Ela, então, que inda suspira
Levanta o celeste busto,
E do imo peito a custo
Esta simples fábula tira:

De genio ~~avesso~~, insensato,
 Deixei meu cofrinho aberto,
 E furtaram-me de Alberto
 O pequenino retrato!

Isto disse, e logo chega
 Com ele preso no bico,
 (Othem bem que demonico!)
 A preso de anjo, uma pega!

Ena o srê, e surge pronta,
 Lança-lhe a mão anciosa,
 Chega-lhe os lábios de rosa,
 E o que lhe fez... não se conta.

Nota

D'isto licito colher quadra
Sobra amor e toda bela,
Com pegu e espinio e cantela!
Fiche-o bem de astuta ladra.

Caçoizinho vingador

Amor nublado.

Julia apagara os regais,
 Do caçoizinho o corpo baixo,
 De calva azul com luto,
 Que lhe ficava a matar,
 Quando já a vista minha
 Era, conversando, a entretinha,
 De esporada, que virgem tinha,
 De esporas um militar.

Era Adolfo, um belo rapaz,
 Que em requinta de muthens
 A dos folhar malmequeres
 Prentecára todo um val;
 Contra Julia vem irado
 Por ter com outros dançado
 No promisso baile dado
 Em folada festiva.

Chamae falsa á inocente!
 Mas vingando-a em continente,
 O caçoiúba em lufa ardente
 Tacha a invertido, e fugir;
 C'os dentes risca-lhe a espinha,
 Em arremetida onçada,
 E, ligada molta clauda,
 Rompe de novo a latic.

Julia vive ... e Achilfo quando

A vive vir, desconfiando,

Caba-se, e vi recuando

Cortijona, feg-a andar,

E Julia recebe os regalos

De cuozinho e copo barro,

De colíria azul com lico,

Que lhe ficava a matar!

Retrato de Paulina

(Amor surpreso)

Com tal pureza a Paulina
Votara amor devoto,
Luz viu d'ella o retrato
Até na hostia divina!

Mas Paulina a outro amava,
E a outra pois, se dava,
Luz o matou, com a enxada,
Com horas más, que lhe dava!

E quando a hostia divina
Foi levada a Deus dato,
Quasi a expirar, o retrato
Nelainda viu de Paulina.

Suplico!

(Gorgias d' Amor)

"Não calas mais com pejo
De mostrar o que desejo..."
Se tens galante, que admejo
Pois de ver m' com altar,
Sobre estôfo, em rica tapeça,
Para onde vem algum fado,
Peregrino de cabuca,
Bordado, coitas a regar!

Suplício... a minha desculpa!
Que o pé me o estro exultar,
E amor sucede, e mealeas
Na mente a iolha gentil!
Também, na sua nuéga,
Flor singela e tena belga,
Se não rainha, é princesa
Esbelta, airoso, gentil.

Clarice

(Vene d'Amor)

Inda o mar eu não viro o gigante
Em seu motu continuo avistis,
Fluctuando ia á praia anhelante
Aminda, a abraçar-a, notii.

Era glauco, a freir, empolado
De alva espuma e solar esplendor
Prata e ouro enrolando agitado
Como avaro captivo d'amor.

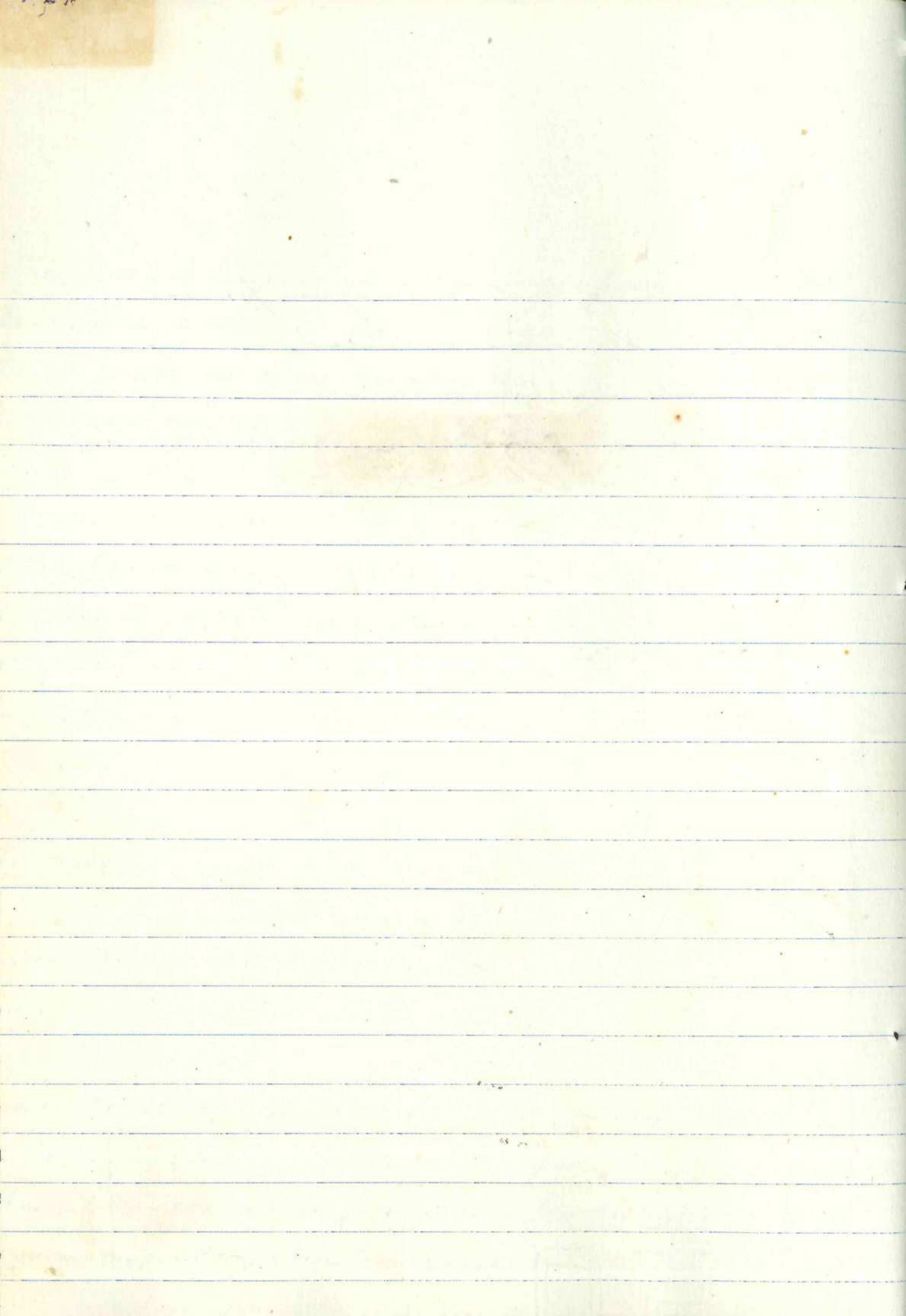
D'isto a ideia nasceu-me engenhosa
De um só nome na praia deixar
Onde a água acorrendo ansiosa
O rio cingir e beijar.

Mal Clarice eu expresse na areia
Em tropel já as ondas lá veem...
Mas romagem bailante sopra
Logo o nome da branca cecim.

Ten um ponto da praia mais alto
Sobre o mar esse termo escrever,
E dou beijos na escripta, e me inclino
Embebido no encanto de o ver.

Grande Deus! Dossa duma diva
Lá m'o furta instantaneo tufão!
Mas Clarice me segue, e me brada:
"Gravando, antes, em teu coração!"

Lim, graci-o, onde a imagem formosa
Sua vida sorrio-me, e cantar,
Nesta alma d'amor anciosa,
Como a agua intranquila, do mar



O castelo com estrelas

Amor nos olhos de Myra.

Já de noite - cavaleiro,
Para onde vás, galopando?

Vem subir aqueles outeiros,
Ver se as castelas fronteiras
Vem estrelas passando...

Lembrado de espumas finas,
Latta e corais embelando!

Livas revoltas as crinas;
Lá a fuma das narinas
Na calçada faz canto!

Chega o cavaleiro arfando
Ao castelo, e nos admira...

A j'anela scintilando,
Lonhancactores, vaguando
De amor os olhos de Mezira.

Casinha na floresta

(Vinho de Amor)

Não sei meu coração o que alvinha...
O que me diz febril, andaz, batendo...
Será que alguém censura o que empoeirando...
As obras que com *Fúria* idrudo tinha?

Um dos projectos é uma casinha...
De verde lago ao pé, n'ela se vende,
Occulta em somno bosque, e no alto havendo
De alcandoradas pombas branca piache.

Mas que conservar... não; nem já admira
Se espante o corações, pois liela em festa,
Então gostando o bem, por que suspiro...

(A casinha metida na florista)

Para viver com *Fúria* m'um retiro

Que a dita dos que amam entoa, é esta

Amor e inocências.

Com tecto, aonde luz tanta safira
Paredes com rubis, jasmim é entrada,
Altar de seda, e cravos, iriada,
A capelinha em gala, Abril respira.

Já ao longe tirados por carneiros
Vem os cochos, serenos, sem abalos,
E assas pequenos joches dão estalos
Com chicotes nos mancos andadiros.

Tão carros grandes conchas neptuninas,
Tudo o mais a encerrar secla e brilhantes,
Rodas, ao paço, flores girantes,
Tops d'ouro inundando as lencas finas.

Cos carneiros tão alvos, como arminhos,
Os chifres como os cascos tem clareados,
Freios de prata ao sol, vindo animados
Qual bando a chibrear de passarinhos.

Gentis creanças trazem que anelantes,
Já se dispõem sair para o cortijo:
Cada uma à capelinha lança um beijo,
E nela todas entram delirantes!

Cracto sobre o altar fulvo murino
A par do arder de pedras e de lumes
Canto infantil se altera entre perfumes,
E vibra oiro no ar ~~unido~~ sino.

Dois bebês — fina dama e cavalleiro
Paranymphos, nas mãos duas pombas tendo,
Com fio de corais as foi prendendo
De alto gorro, petis casamenturo.

E' findo o hymeno! Tudo dispersa
Em risos, correrias, e bandadas,
E aos coches dando assulto ~~em~~ revoadas,
E de coroa a capelinha em dor submorna

As crianças então grava eram velas
Com os noivos as togas de pandeiros
Mauvoso adeus dixeram, que os carneiros
Voltam levando os carros com estrelas!

Depois tais avesinhas viajoras
Até finda a efusão ledas cantando,

Partiram aos carmeiros vivos clauda,
Libertas a abalar rancho de auroras!

E com tecto onde luz tanta safira,
Paredes com rubis, jasmims à entrada,
Altar de seda e cravos, iricada;
Deserta a capelinha inda suspirar.

153
Amor ideal

Horror viveu captivo e sufocado,
Leuut por abutre vindo de imã attiva!
D'amar será castigo? A' formosura
Culto de amor render... não é peado.

Belezas... meus delírios, que heĩ sonhado,
Contra a vida real são me ventura,
Dando a cada sofrer a colgadura
Do meu ceo ideal, todo estrelado.!

Tais sonhos a correr puros e belos,
As ciadelas, palacios, e castelos,
Tegoiros, sois no azul, tudo a brilhar,

Quais abutres tambem abafam dores,
Esquecer fazem penas, mundo, horrores.
Vendeis belizas mais quem mais sonhar.

Amores na Terra

Dedicado a Berta B. V.

Como em eixo a girar — de ignea materia
De si distaca o sol um globo ardente,
Ao qual lui de extração lhe não consente
Andar sem curvas dar à marcha eterna,
E orbitar a seguir em vãos profundos
Lis um planeta nado — a Terra — um mundo!

Em votta o home extinto — faz-se a crosta
Porém adentro oculto em linguas perla

Com sinuos fragor, iante gela
Em pontos fustigando a casca adusta,
E sem luz propria a face sua e fria
Ló a que vem dos astros a alumina

Quanto ao alcance tem a si chamando
Por atreves no andar vertiginoso,
Em solo a fecundar, de vida ansioso
O que se lhe aclarou foi transformando,
E tal como é de sons composto um ino
Eis de atemos formado cello destino!

Ou foreu da materia, ou ente occulto,
Luz germe lance á Terra em andamento,
Idê que nascam então — feliz momento!
Vegetaes e animaes como em tumulto,
Luz ao mundo fazem de tapete, ou manto
Aparecido como por encanto!

Que enraidecida é da colgadura
A Terra pelo sol d'ouro banhada!
Com fontes, rios, mares — prateada!
Prados, selvas — castelos de verdura!
Assim vai entre esferas fulgurantes
Esmeralda gentil entre brilhantes!

Vai, sim, do sol a filha esbelta e amada!
Pátes de graças, edens de venturas!
Resoando a cantar, pelas alturas
A natureza viva em si exultando,
Que, esdruçado, se renova por latente
Amor, que é — vivo em Deus eternamente.

Reproduz-se, Benta,
Portanto o viver,
Ou se a morte é certa,
Certo é renascer!

A ação creadora
Na espécie a actuar,
Volve-se em aurora
Breves a embalar.

Ah da cinza vinda
De um ser, que existiu,
No mundo outro ainda
Formado surgir!

Sem fim é, pois, Berta,
Na Terra o viver,
Ou, se a morte é certa,
Certo é renascer.

Sim, norma seguida
Pela criação,
Fraz eterna lida
Em circulações

Orlam mil divinas
 O nem demonstrar
 Com provas dispersas
 Por eos, terra e mar.

D'esta arte a maneta
 Na punta a baster,
 Beratto inquieto,
 Dispensa a volvers

As aguas do rio
 Que vão para o mar,
 Em vapor sombrio,
 Regressam ao ar.

Os bois com a lince
 Em voltas não dão!

O sangue a suar
Mundos na amplitude!

Assim morte e vida,
D'acordo a girar,
Cada uma na vida
Que lhe ospita;

Leão da natureza
Dom repudietor,
De botões — beleza
De rosas d'amor.

Mover é pois, Berta,
Qual sono ir dormir,
De que se desperta
Criança a vagir!

E visto haver em Deus amor constante
Essa ventura basta, que etc. é vida,
Para a espécie humana compreendida
D'esse afeto na ação vitalisante,
Ser fecunda, perene geradora
Dos entes, que a entretêm em plena aurora!

Que d'elles sem tomada se a essência
Assiduamente é mãe, de que procede,
Quil sem alento ^{+ o long} ₊ morrer succede
Trasenta de uma vez toda a existência!
E sem seres o mundo a iclia clava
Que em seu lugar um tumulto marchava!

Amemos! pois de Deus é vindo o exemplo,
Quas na morte avessinas não seismando
Vivazes a trinar! Elogamos dando
* quia o amor creou no peito um templo,

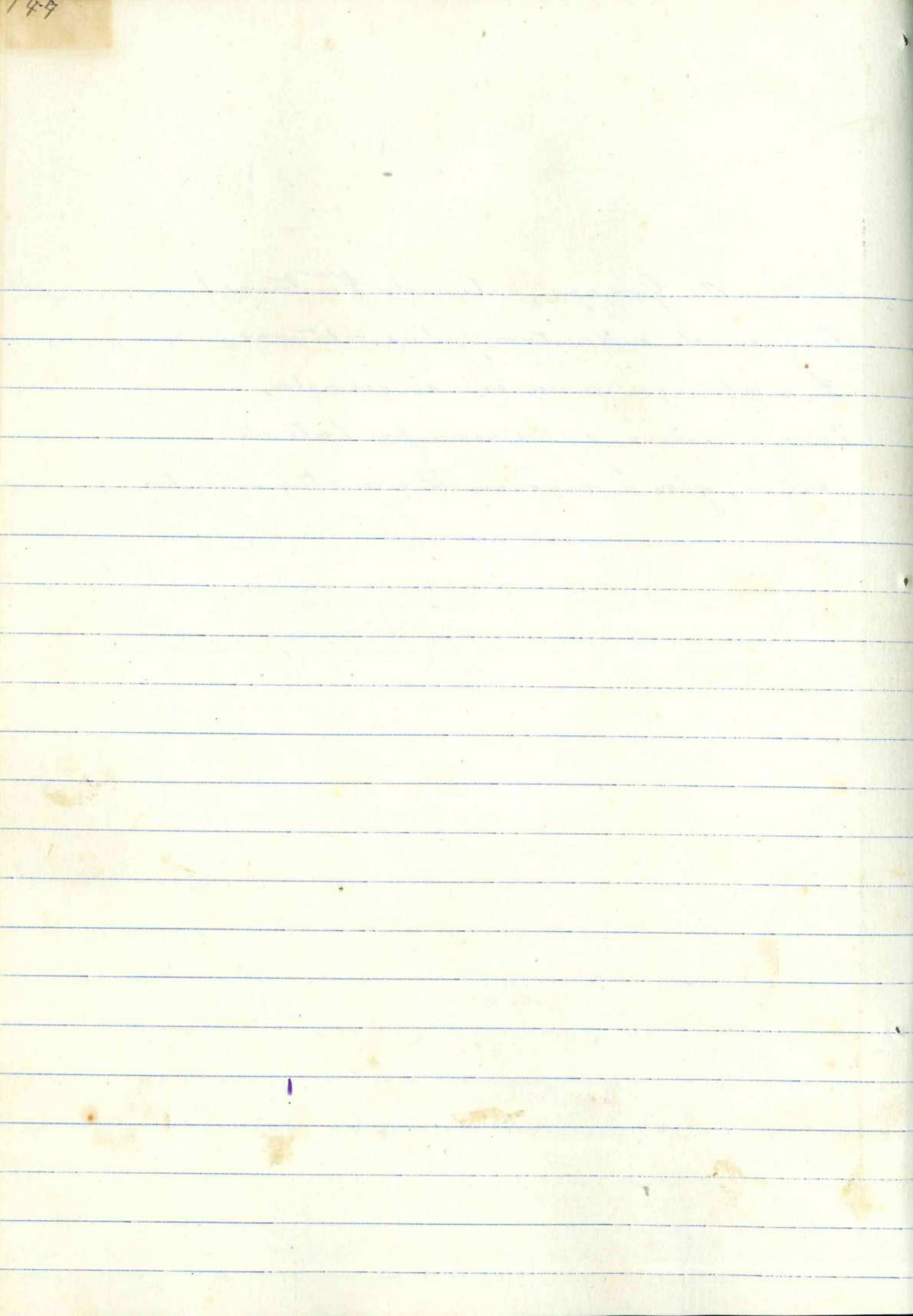
Felizes na ignorancia de quem sente
O coração bater terno e inocente!

Dem andam n'isto as pombas que no céu
De tua casa, Berta, se alcandoram,
Onde brancas juntando-se decoram
O corucheo com seu plumoso ninho;
E os minhinhos nas beirais, e é seu folgado
Sobre beija-vass, aos bandos, no arado.

Por toda a parte amor respira a esfera!
Toda a animalidade ama e procria!
Porque poder occulto os seres guia
A unirem-se como á pedra a hera,
E assim a Terra vai na immensidade
Dos céos levando Amor em liberdade!

Vai, sim, da sol a filha esbelta e amada!

Salvo de Graças, e de Venturas!
Resoando a cantar, pelas alturas,
A natureza viva em si criada,
Que assim des se renova por latente
Amor, que é vivo em Deus eternamente.



João, sonhador

(Amor no azul)

João, o do coração

Musculito, act II sc. II

A lira a sobnavar com todos ares,
Reimérico, idealista, e sorridente,

Éis João, sonhador !

Se' feliz a sonhar, fixando a mente

Le' no alto, em desdém de terra e mar,

Diz em delírio :

Amor !

Da existência a todos os instantes.

Anoio alar-me ao céu,

E as estrelas bijar letras brilhantes,

Por Deus, do nome teu.

Correr em tua busca, o céu formoso

Junto aos astros voar,

E nesse vazio imenso, calmo, e airoso,

Ó belia, eu encontro

A ti que Deus creara tua garanti,

Enxerta em esplendor,

E obteves-me a brilhar, sol deslumbrante

De luz, graças, e amor;

E logo eu exclamar "Não és mentira!

Phantasia não és,

Mas a virgem, que busco eu e a hya

Com febril avidez;

E, então, ver que te aflua algum sorriso,
Que me fizes então,
E que tens certo em ti o paraíso
Meu pobre coração;

Tudo isso aglomerado... eis-o o tesouro
Que mais posso anhelar;
Mas já tens rios, lagoas, e trinças de ouro,
Descendem a voar!...

x
x x

Poisaste! Vens visitar-me
Baixando do patibulo,
No infortunio a confortar-me,
Lembras-me a traz de teu avô!

Bendita, virgem, bendita,
Que uma bondade infinita
À graça alias gentil!
E vens, de mim convida,
Trazer-me ao limbo da vida
Beldute, florido abril!

Mas eis-te, enfim, desvendada!
Que vejo? Um ser divinal!
Como súis invocada
Da beleza terrenal!
Que nem princesa, ou rainha,
Nem modesta donzelinha
Até se pode equivar!
Mas que todas puras e belas,
Vôste de alguma estrela
Seu meu anjo tutelar!

Vou contigo, minha guia,
Que influxo teu me conduza,

Que te quero como ao dia
 O vegetal, que ama a luz;
 Tenes luz como ele de finho,
 Como implume pousando
 Com fome é fatta dos pais;
 Ou, como os pais, que estudios.
 Mas a geirola, insofribil,
 Se agita, pica sus aís!

Amo-te! Nem há na Terra
 Quil o meu ambiente assim,
 Desde as agruras da serra
 Ao mais ameno jardim:
 Já viste arbusto com flores
 De viço e luz com fulgores
 Nas gotas, que a Alva deu?
 Amor puro, é assim lindo!
 É como um astro fulgindo?
 Ou, antes, é como um ceu!

É um cu, a que faltavam
Tintas que, assim, só as vi,
Porque as murais que o tolhavam,
Negros vros, fugiu de ti;
Vi-as! e nesse momento,
Bem como a aça do vento
Que sobre a pira passou,
Teus olhos mais o inflamaram,
As cores do iris brilharam,
Tudo de em templo se acendeu!

Tudo em templo! Bem factado
Quem n'el altar te erigir,
E de teu suor estralado
Flores para consumir!
Quem, rosas, o aroma te aspira,
E sobrego afina a lira
Por tua argentina voz!
Quem ama o que amas, ou que amaste,
Quem, mal viste florintaste,
Como ao chão teu pé veloz!

Veloz, ... mas paras! por certo
Vendo além edem em flor...

Suspiro ... que a nós aberto
E vedado a alho amor,

Com palácio ... ao sol poente,

Seu espectáculo imponente.

Cede á tua os torres!

Dois líos guardam a entrada:

Seu jubas, e aliste amada.

São magníficos líos!

x

x

x

Elles nos viram já, já vem buscare nos,

Prostraram-se ao chão, não chão se arrastam

Lambendo-nos os pés, dando seu culto
As mais belas das belas — seus escravos!

Agora d'almas puras sobre encuro
Vôu, pomba de Deus, ao eden v'ra!

De delicias sedentas — cia — entremos
No palacio d'oriz com portas d'ouro!

Que vista encantadora, e claro cantico
Ao nosso ingresso aqui! Isolamos juntos
A escada com topacios, sobre a alfombra
Diamantes em chuva rebrilhando!

— Oh magicas belezas! juntos vamos
De que vamos fruindo nossas almas
Em uma rafundidas — e uma sendo!

Selos vitreos da entrada na espacosa
Cúpula com safiras cravejada,
O desmeiando alvor da luz passa,
Frescos imitando quadros, flores,
Plantas ornamentaes, estatuas, *flamulas*,
Candelabros esbeltos - tudo em sonho!

x
x x

Longos pregões do bem, como estandartes
Que flor do sentimento e amor aclamam,
Pandurantes reposteiros vivas fingem,
Em bordados painis, tocantes scenas...
Neste se encontra Sílbia, a pastorinha
Que Tasso nos faz crer chorando Amanto,
Por fôrças massacrado! O quanto a punge

No rosto se lhe estampal As mãos comprime;
Os braços ergue aos astros implorando
Alivio em tanta dor... tão fundo golpe!
Ela a si o imputa... crê-se a causa
Indirecta do transe... ah pobre! ah misera!
Inocente, gentil, clara alicina,
Socorral... Ah, ainda vive, Aminto vive
E vive para amarte!

Além o arista!
Já ela se transforma — outra parece
Já nos olhos as lagrimas se apagam,
A elas volta o brio, às faces volta
A bella viva cor... julga-se brinco
De ilusão visiva, fricciona as palpebras;
Mas Aminto lhe falla, e mal o escuta
Não tem que heritar já, já corresponde
As brandas expressões com outras brandas,
Mais decil, mais benigna, enfim, a elle
Os desvelos tão d'elle, — d'elle os votos,

E decide ser sua, como é virgem,
Decidiste ser minha, e vir e anear-me
Neste edén venturoso entre delicias
Phenomenicus, estranhas!

 Bela, entremos
No formoso recinto, onde imagino
Da natureza e da arte ha as mais grutas,
Supremas, deslumbrantes maravilhas.

*
* * *

Oh que esplendor, que luz, oh pompa enorme!
Que espectaculo aqui nos electrisa!
Olha por toda a parte rutilantes
Os floridos salões com fundos tectos,

Nos brocados, tapetes e abobadas
Esmeraldas, rubis, brilhantes, perolas!
Por astros — do infinito a bela corte,
De homenagem a ti, por teu respeito,
Tantas pedras em fogo ardendo doidas!
E de alto pendentes scintillando
Com joalheria os lustres, que em mil braços
Por mil bicos formosa luz dispendem
Um festival imenso alumando!

Franca de noite cubra — á tua — as auras
As sacadas que o parque senhoiam,
O cumulo de galas outras galas
De remotos jardins, serbia, mandando
E com doce palor banhando o espaço,
Quenta divindade còros rege,
De rosas e luar enchendo as salas!

Va puelle entre as gemas do brocado
 Loiro anjo, prendendo um fio d'ouro
 Das medallas tirado - iguais ás tuas -
 A formular finegas lá bordada,
 Vossos nomes, que amigo entrelaçando,
 Agora com turbulo os perfuma!

Eid-os aqui os flacidos assentos,
 As cortinas, as colchas, os estofos
 Onde a matiz bordado, prata, ou ouro,
 Mirabolantes banelos apparecem
 De aves luxuosas, de zagalas bailando!
 Linhas figuram no aram bellos captivos,
 Pictoreus marinhas, jogos d'agua,
 Cortijos triumphaes, pugnas d'athletas,

758
Lucas batalhas de flores, qual aís-aba
Um garrão e uma corça em lucta ardente
Folgando juvenis, brigando amigos;
Elle triumpho aqui — elle não pode!
Esquivando ligeira, e roba aos pulos,
Colando tão engorrosa, que estremecem
Com murmúrios as selvas, e palpitam
As estrelas de puro amor aos bijos!

Do bello oriente já sedas e toucas,
Que tão gabachas são, geram surpresas;
E os cristallinos, limpidos, espelhos,
Proprietando entre si vivos reflexos,
Galões, lumes, e pompas multiplicam,
O entendiemento e os olhos empêticam!

Otha as imagens, Tipos de beleza!

Marmores, bronzes, gemas prodigios!
Vasos suspensos embalando flores!
Argentias urnas desprendendo aromas!
Trophéus, pendentes, abertos tremulando!
Columnas, palmeas, copes e um tesouro!

De elegancias primor, d'arte em caprichos,
Com graça é a mobilia que nos fascina,
Com nestas, pedras, sedas, cores,
Perolas e corais, ou diz o brilho,
Que na amplitude do ar, saltas as tranças,
Nas nuvens fião as roscas d'azul;
Ou a ideia dá das varinhas
Bemoladas florinhas, que imaginou,
Primavera d'alem, talvez, tu sendo,
Na região de luz, lá onde habitas,
Com hábitos d'amor pura bafijias!

x
x x

Agora mesmo celebre uma missa
Qual d'ouro em pó concluzo entra as sacadas!
O que haverá?

São sems bempuzijis,
E bellos, imortaes com diademas,
Fulgurações sidereas, corous, palmos,
O palacio invadindo todo a um tempo!

De alabastinas carnis, niveas azas,
Lom os pés nos tapetes preciosos,

Recordam-nos jardim nuvem de pombas,
Poisada nos canturos coloridos,
Quem vult esmaltado, em primavera,
Castas, puras, alvíssimas borinhas!

Um d'elles lança mão de uma bandeira,
E em volta a congregarem-se os mais correm;
Caminham para nós, um hino entoam
Animados marchando scintilantes,
Já fazem a saudar-nos, já te aclamam
Das formosas florinhas abençoando as pedras,
Coroas te oferecem, lançam petaladas,
Oscutam-te o vestido, e corpiño despiados
Tecem vistosas dancas, que prolongam,
Volando a terra em ceo!

Movel, esplendido,
Fazendo a alma anicar de santo júbilo

Ante tanta turbilhão não deixa as salas!

x
x x

Estranhas sensações, distúrbios mentes,
Com graças e belezas tais e tantas,
Mas algumas lançam invisíveis,
Prendendo-nos aqui, mal se respira!

A mente extenuada, o corpo exausto
Nos espaldares tumidos, que noto,
Reparador distante, eu acharia,
Mas quando a ideia agita, e agora as telas
De primorosas misturas, nos sentidos
Tudo mais activando o somno espantoso

Poss esta o que nos diz?

Mostramos Hercules

O valente da lenda, o heroe da força,
Que os olhos seus nos fixa, e quasi assembrá!

Real como parece! Quanto iludis!
Que arrojado pinel orsou sua imagem
Para a tela extrahir de idade obscura,
Novo trabalho, maravilha nova
Desta nossa ignorados memorando?

Da alta montanha extrai ingente bloco,
Que ao deslocar se abita as penhas proximas,
E lá de cima o impeli.

Bem parece

Ir agora agora a girar... cair batendo
Do alcantil com fragor em fundo abismo!

Cão de chopre, e um leão formoso alcança
Com que o esforço seu courel proclama!

Mas quanto mais amor intimo pode
Haver a maior força elle é...

~~De um corpo que se desmancha e se desfaz~~
~~De um corpo que se desmancha e se desfaz~~ *Leoa com vivos,*
E que o leite lhe dera - mãe - tua guisada -
Vendo sobre o bloco o filho exangue,
Com lancinantes gritos expelidos
Que apellada o ceo, já se restauram
O tronco e extremidades - oh prodigio!
E por alta hidrostica resurge
De novo a circular *purpura* cidento!

Agita-se este, enfim, de pronto o corpo
Revolve-se, forceja, a rocha oscilla,
E volta-se a seguir deixando erguer-se
Já livre para amor, d'amor inquieto,
O mais fulvo, mais valido, mais guapo,
Lão, que os boques libicos habita!

E aguenta quadro além, como eloquento
A duos peitos E!...

Vingem mimosa

Sobre sagrados entace... opõe repulsas,
Do proprio seio á voz negando ouvidos!

Mas ela é toda grua, e puro encanto
Repetir a razão sempre não perde;
Nos laços que Amor arma, enfim, se obriga,
E já rendida, placida, superta
De laranja em flôr na fronte a coroa!

E tantas tantas mais - exemplo todas
De sugestivo amor...

Mas nota a sala

Arde de flores, doce emergindo
Vai brasa a meiga luz em serpentinhas,
Com os cristais, comidos, tucos, liquidados,
Balsella a scintillar, iriados vasos,
Forma como um festim, ou uma aurora,
Igual a amor, que com aís se abre no prisma
D'esta alma sempre tua!

x
x x

Agora atento

No parque, jardins, lago, que é bem dia;
Já torno rouxinol em sons mimosos,
Um mago de adeus, desliza á lua!
Já pipilantes outros passarinhos
Do dia ao claro abeir cantaram ledos;
E já o sol berndito em ignas flechas,
Com que as brumas últimas batia,
Tesoiras d'ouro e rosas amarelas!

Das aberturas sacadas, pois, vejamos
Alamedas em flor, passios, grutas
Estatuas nos jardins, arcos, bandieras,
Casas de fresco, assentos, grutas sombras
Marchetudas de sol por fios d'ouro!
Em bandos delicadas borboletas
De desenhos gentis, cores, esmaltes,
E embeudadas fontes, que a chorarem
Por escondidos rios regam flores.

De cores variadas aqui peixes
Por cima de alvos bueiros n'agua em taças!
Cascatas colossais, e altos repuxos
Luz a agua ao ar alcançando os factos cruzam!
Tudo a nutrir o lago extenso e airoso,
De ~~serenas~~ e aurancarias circumdado,
Onde se banham cisnes, e fluctuante
Presença espera por nós a inflada vela!

E mais prisioneiras da vista — nota os ninhos
De velo alvo de arminho em flores ramos,
— Gracis, debéis festois, que a branda aragem
Fragrancias a colher beija e balisa!
Varias nas formas, nitidas nas tintas,
Variegadas aves sobre arbustos
Pennas, caudas, matizes anuathando!
E as toucas trepadeiras nas paredes,
Alegres de floridas, como a rirum
Prendendo rubras plumas, cachos d'ouro

107
As grades dos balcões!

Uma avezinha

Sobre um cacho poisada, o paraíso
Demencia aqui ser, cantando:

O' noivos!

"Sabes que a estância da ventura é esta!
Sabes que a hora do himenae é vinda!"

E' vinda! — assim afirma um coro angelico,
Aéreo, que de subito aparece
Em círculos bilhantes semeando
Luz e flores no espaço...

E' vinda — é vinda!

x

x

x

Alva coroa no ar vem descendo
E com graça em tua fronte posou,
Como pomba, que aos filhos voltando
Sobre o ninho serena, baixou!

Trazes rivos vestidos, e fulgente
Como gelo que o sol reflectiu;
Rosa branca, alvejando esplendente,
Tão mimosa jamais se irada viu!

Com grinaldas de vividas flores
Loiro anjo, a sorrir, nos prendeu,

177
Mas ao seio se enroscam amores,
Mas o coro celebra himeos!

Deste entao já sinto em meu peito,
Onde é vincha por teu doce olhar
Qual d'abrir de mil flores o efêto,
De mil lunas um como brilhar

Qual o cisne, que em lida encantada
Longo espaço girou sem amor,
Is' cindando de naza, em plumada,
Viu as per'las do lago a correr;

Tal, meu anjo, aqui onde delirio
Toda a entress nossa alma se abren,
Crendo o tempo, que foge, um suspiro,
Que de uma harpa em dissonante partiu!

Nossas horas serão deliriosas!
Grata a vida em transportes se esva!
Esroscando por plainos de rosas
A beijat-as se exhale n'um ar!

Mas o amor é de eternos lampiões,
Fido Deus, é um sol, vem-nos dar
A existência o calor de seus beijos,
A nossa alma de luz toda um mar,

E caracolas as vividas cores
De esse sol á diste edon sem ves,
Para nós via infinda entre flores,
Se abre aqui — começou por um cis }

x
x x

Quirindo isto a brida
Torrui-se... e roou,
Dos uos era ela
Do mundo abalou.

Em nuvem doirada
Por seu esplendor,
Felix, reclinada
A imagem de Amor,

Sobre a Terra e mares
Constante a subir,

174
Lá deixa nos ares
A senda a luzir.

E sempre subindo,
E sempre a brilhar,
Em curso seguindo
Se esconde a voar!

+

+ +

Seus que isto sonhava, n'isto via
Todo o bem, em que creava, amigüelcedo!

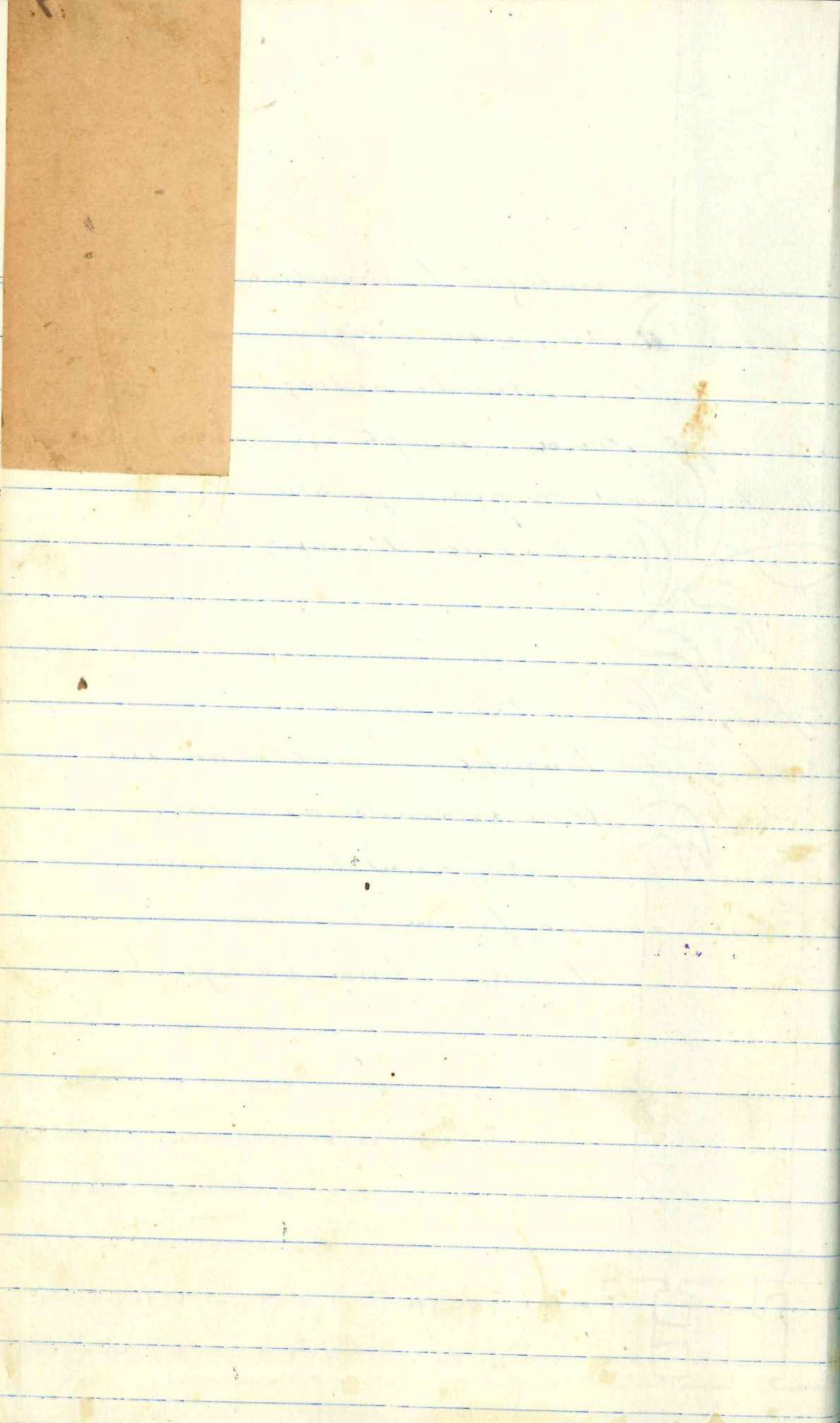
Pois que celestial

Id essa virgem pura se sumia
Na patria, onde o seu nome constelceto.

Refúlgia immortal!

175
Depois — como a ambição fascinadora
Do anelado tesouro, incla abrigam
Com intensivo ardor;
E como, se uma estrela redemptora,
Um raio lhe mundara, que o guiasse
Em procúrios d'amor;

Sorriu fiel, a ideias tão suaves ...
E ele e lira em brumas se deslatafaram ...
Mas varrendo-as o sul,
Houve quem visse, então, duas brancas aves,
Zeu, loucas a cantar, foram, voaram
Princher Amor no azul!



Epilogo

Não quer mãe a filho com tanto carinho
 Como a este livro que vive o avelhando
 Pois tem o aroma da grata fragrância
 Lendosa, de versos fluídos na infância;
 D'outros, quando jovem, mas que inclua a mãe
 Gravados nos troncos do embudo aconchego,
 E de sentos bijos que antes lhe a mãe dando
 Depois, já sem ella, sonhava chorando!

Valias the o livro, pãe era um sacramento
D'amor, mais que o oiro de arqui-milionario
Por isso no sio famente o abrigava
Qual monge reliquias trazendo occultava
Até que ao ver proprio o ultimo dia
Deu-lhe uma oclama — tué puro o gauria!
Esta n'uma altar, entre jarras e consuetudes
D'amores e flores cantando innocências.

177
Notas

A pag. 8 Meacar moiro - o melhor! Por ser o
irmão solidão que viram terras d'Espanha, os costumes d'a
tão como o de Granada mandado representar a vida
em consequência de sucessivos desastres

Enquanto descaem fragmentados - o desleixi-
mo mantinha-se desaparecendo a vida dos tempos, através
dos séculos.

A pag. 13 Rainha Santa
Santa no dizer do clero e do povo.

A pag. 53 Portuguese D. Pedro 5.^o De espirito mo-
desto, viril, intelectual, fez conceber a ima-
gem de um rapaz como própria á antiga.
Ela a introdução. É só o que apresenta porque
o poema sem desinvoltura apenas sobe, ca-
da uma linha graciosa como o pensamento do
rei exalando se como um sonho!

Pag. 65 Francisco Hugo diz: seu nome revela

surpreendente para mim, porque nunca

vi o nome de Francisco Hugo antes de ler

17178

1 faccilita de me cause

D'eu D. Luis de Bragança nega the interpretação por
Por sendo um claro.

Qua Quel inde?

Al O meu João sonhava esse sim

Deu Ló feliz a sahar, fixando a mente

Eis Lá no alto, em deslize da terra e mares

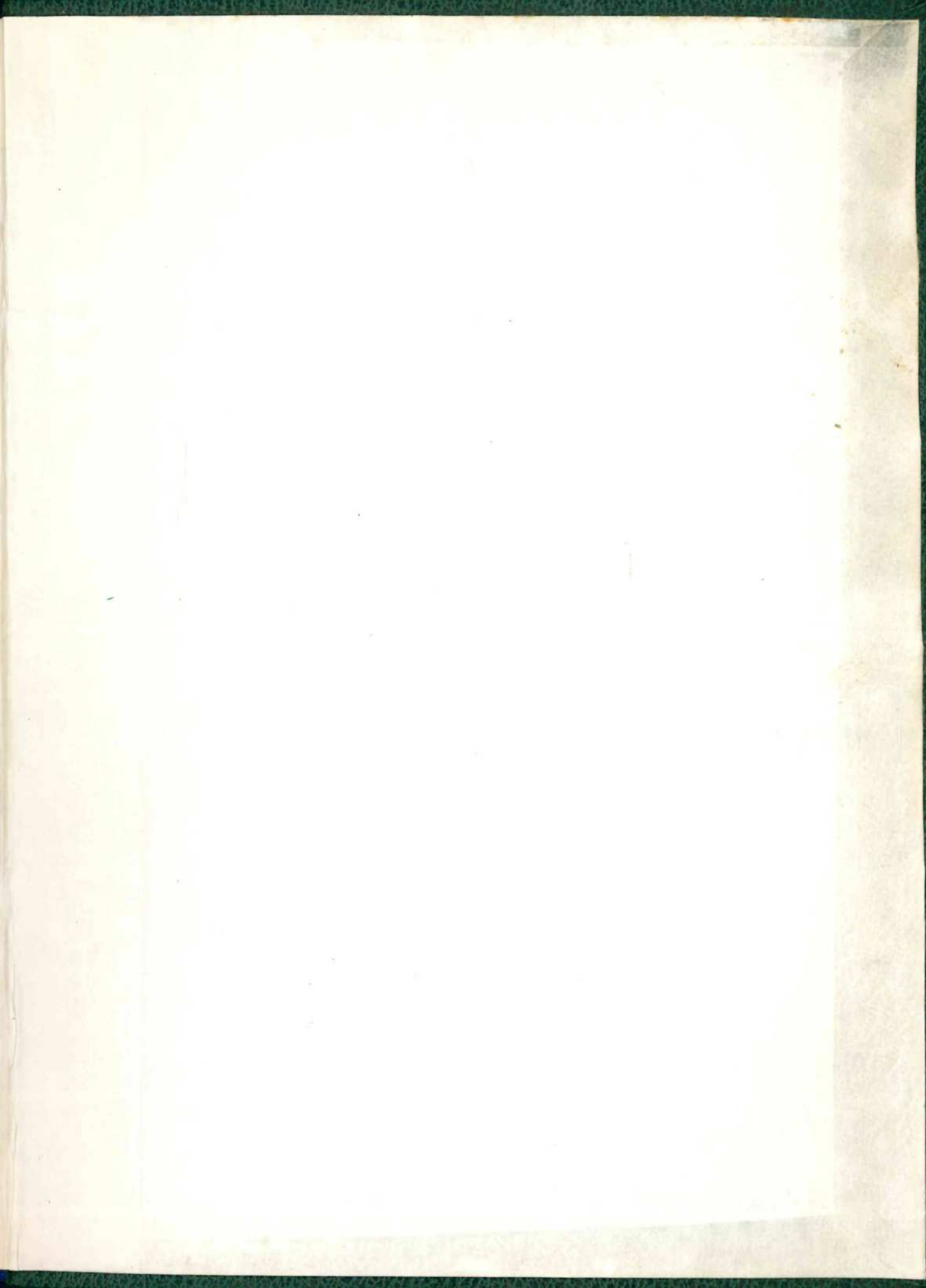
D'e é um gigante!

Indice.

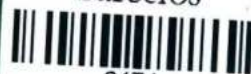
Poemas	1	Nebulosa de Amor	91
Rosul andaluz	3	Juan ceguinho	97
Rainha Santa	13	O mais que amor deseja	10
Senhor da Fonte da Vida	15	Canto de amor magado	10
Grupo infantil	19	O sal de amor	10
Mãe e Filho	21	Amor de lua	10
Jardim de Luz	23	Cozinho virgador	10
Misio da Mambá	29	Retrato de Paulina	11
Moises	35	Súplicas!	11
Sandade	47	Clarice	12
Aguirre de Pau	51	O castelo com estrelas	12
Portugueses	53	Canção na flauta	12
O Desterrado	59	Amor de inocências	12
Amor à humanidade	61	Amor íchut	13
O Cor do Brasil	63	Amor na Tuna	13
Amor aos desvalidos	65	José Bonifácio	14
Amor à Consciência	67	Poemas	17
Perfeito da Saudade	69	Notas	17
Apoteose Theatral	87	Indice	

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
No.





biblioteca
municipal
barcelos



6474

Amores e flores